



# MORDESE



"São os do Norte que vêm..."

## VALORES DO RECIFE

Gilberto Freyre

A quem ame o Recife com particular amor não só pela sua luz — na verdade sedutora, embora um tanto tiranica pelo próprio excesso da sua pureza tropical — como pelo seu clima. Pelo seu ar, sua temperatura a doçura das suas manhãs e dos seus fins de tarde: doçura de que está tocada a poesia de mais de um lírico recifense de hoje. Principalmente a de Mauro Mota, que é, com Manuel Bandeira, Joaquim Cardoso, João Cabral de Melo Neto, Carlos Pena, Carlos Moreira, Ascenso Ferreira, poeta dos que trazem a marca do Recife em seus versos.

No fim do século XIX, esteve no Brasil um norueguês que procurou conhecer o País do norte a sul antes de retratá-lo no livro Brazil, its condition and prospects, publicado em Nova York. Chamava-se Andrews e não era poeta: foi, além de Consul-Geral dos Estados Unidos no Brasil, Ministro do seu país na Suécia e na Noruega. Tendo conhecido os dois extremos de gelo e de sol, de frio e de calor, optou pelo sol e pelo calor. Seu livro é de um tropical-

lista que se apaixonou pelo Brasil: país de sol. Sem invernos ásperos. Sem neves incomodas. E sua maior paixão foi, talvez, a que o levou a exaltar no Recife valores que considerou extraordinários.

Homen inclinado a avaliar um clima pela liberdade que dás às pessoas de permanecerem ao ar livre o ano inteiro — ligando, assim, o tropical ao próprio ideal de liberdade pessoal — pareceu-lhe o clima do Recife um daqueles valores. E a este propósito escreve palavras memoráveis para os ouvidos de um recifense e que são estas, no original inglês: "From all that you can learn, the climate of the city of Pernambuco is the most delightful of any in Brazil. Though a little more damp, it has not the extremes of heat and cold of Rio de Janeiro. All the year round it is favored with the fresh sea-breeze".

Poderia ter salientado o velho hábito recifense de ao ar livre se discutir política, se conversar sobre literatura, opereta ou corrida de cavalo, se realizarem transações comerciais, as mais graúdas. Velho hábito observado por outros viajantes, um deles certo inglês chamado Maria haver na capital de Pernambuco, nos começos do

século XX, um espaço, ao ar livre, sombreado de árvores — com certeza a Língua — que era o centro do que os ingleses chamam "gossip" e nós tagarelice ou mexericos: tanto dos braços importantes da cidade — os que realizavam, às vezes, no meio dessa tagarelice aparentemente toda rã, transações de muitos contos de réis — como da gente simples-carregadores e catraeiros negros e mulatos que se espalhavam à sombra das gameleiras, conversando, jumando e cuspido. Conversando e, às vezes, praguejando; pragas — as dos carregadores de cár e as dos marítimos nacionais e estrangeiros — que os papagaios, também numerosos no velho Recife, em suas gaivotas às portas dos restaurantes, hotéis e tavernas da antiga Língua, aprendiam com espantosa facilidade, tornando-se, então, preciosos para os estrangeiros. Tornaram-se célebres na Europa esses papagaios do Recife pelos muitos "son of a..." que eram capazes de gritar.

Mas era o hábito recifense — conservado dos portugueses — de cuspir os homens a todo instante, emporelhando calçadas de ruas, bondes, escadarias de igreja. De outro inglês é a observação



VISÃO DO RECIFE — Desenho de Luiz Jardim

MOCAMBOS DO RECIFE  
Desenho de Luiz Jardim



de ninguém exceder o português na capacidade de escorrer como quem raspasse ou limpasse a garganta com todo o vigor; e um pouco dessa capacidade encontrou Martinhos recifenses de há meio-século.

É um mal que vem se atenuando entre nós, brasileiros. Já não se cospe tanto no Recife ou no Rio como há meio-século; nem os homens de agora escartam com o estridor dos velhos dias.

O Recife é hoje, talvez, uma cidade mais limpa do que o Rio. Menos cuspidos e até menos mijada por rados desavergonhados. Menos emporelhada por gente inculta em suas defecções. Fotografias que o tempo começa a empoeirar mostram ter vindo até à época dos fotógrafos o hábito de alguns desses incautos defecarem napolitanamente ao pé das pontes, exibindo traseiros, para escândalo das inglesas mais

severas; e honroso tempo em que os despejos se faziam também nas águas do mar ou dos rios que pacientemente vêm tolerando dos recifenses mais cruas tódas espécies de maus tratos.

Vingam-se às vezes, é certo, essas águas, desses maus recifenses, inundando-lhes as casas com suas enchentes; matando crianças e velhos; carregando trastes e panelinhos gente pobre; engolindo pescadores em feras; seduzindo namorados ao suicídio romântico por afogamento nos redemoinhos que fazem às vezes os cadáveres dançar danças macabras.

Mas sua atitude normal é a de tolerarem bons tratos com uma paciência francesa. São águas francesas as que servem ao Recife e aos recifenses; e que sob várias formas têm dado à chamada "Veneza Americana" um dos sonhos no sapo, mas de paisagens mais admiradas pelos estrangeiros.

# UMA VÍTIMA DE BALZAC

Paulo Ronai

UASE todos os grandes escritores da literatura universal têm seus fãs, embora menos apaixonados que os das estrelas de cinema ou dos jogadores de futebol. Recrutam-se menos entre os críticos e os estudiosos do que entre simples leitores e curiosos que à força de lerem assiduamente e atentamente os livros de seu autor predileto, tornam-se verdadeiros especialistas em tudo o que lhe diz respeito. Na Inglaterra há inúmeros shakespeareanos "à paixão". Eu mesmo já encontrei na Itália bancários e oficiais, que traziam o seu Dante de cor, e frequentei outras uma bela coleção goethiana, reunida por um comerciante aposentado de Budapeste, que nunca escreveu de literatura uma linha, mas diariamente lia algumas páginas de seu ídolo. Essas adorações comovem, apesar do que podem ter de exagerado e grotesco, pois constituem um dos vestígios do antigo respeito às coisas da cultura, cada vez mais raro.

Ao Brasil tampouco faltaram e faltam eruditos colecionadores que dedicam parte de sua vida a um único autor. Um belo representante do gênero foi o sandoso Nogueira da Silva. Adepto fanático de Gonçalves Dias, empenhava-se em comprar o seu poeta a todos os outros, um por um, e em proclamá-lo vencedor cada vez; chegou a publicar uma biografia gongalviana que mais cheia de paixão que um volume de polêmica ou de versos de amor.

Na França, esse culto de uma obra ou de um escritor é fenômeno ainda mais frequente. Há uma Sociedade dos amigos de Huysmans, outra dos estudos rabelaisianos; há os aficionados de Loti, os

lotianos, há os torcedores de Romain Rolland, e assim por diante. Mas parece que os autores cuja obra suscitou até hoje o maior número de admirações famílicas, são Stendhal e Balzac.

Lá, há tempos, um interessante artigo sobre essas duas idolatrias. O autor assimila que os stendhalianos se dedicam sobretudo a resolver alguns inúmeros enigmas da "vida" de Stendhal, ao passo que os balzaquianos se preocupam quase sempre em decifrar algum problema da "obra" de Balzac.

Compreende-se: Stendhal interessava-se antes de tudo pelo homem como indivíduo e passou a vida toda a analisar-se a si mesmo, (recorrendo aliás a toda a espécie de disfarces e mistificações para despistar a posteridade) não apenas em seus diários, como também nas personagens de seus livros em Julien Sorel como em Henri Brulard; assim, conhecendo o homem Stendhal, chega-se a compreender melhor a sua obra inteira. Mas o que preocupa Balzac acima de tudo era o homem em suas relações com a sociedade. Embora tenha uma que outra personagem autobiográfica na imensa multidão de figuras da "Comédia Humana", a grande maioria de seus heróis são criações objetivas. Eis por que os apaixonados de Balzac mergulham mais que na vida do romancista na dos seus protagonistas.

Com seus oitenta e seis romances e novelas, suas três mil personagens, sua visão panorâmica da sociedade francesa do começo do século passado. A Comédia Humana não é apenas um dos empreendimentos literários mais imponentes, como também

uma das obras de ficção mais sugestivas, mais excitantes para a imaginação do leitor. A primeira "vítima" dessa sugestão — para empregarmos uma expressão de Jules Vallès — foi o próprio Balzac. Não chegou a interromper um amigo que, de volta de um enterramento, lhe contava a dor de família: "Está certo, mas falemos em coisas sérias. Que faremos do pai Grandet?"

Sainte-Beuve relata um caso de sugestão coletiva que levou vários membros da sociedade aristocrática de Veneza a distribuir entre si os papéis principais da Comédia Humana e a desempenhá-los na realidade. E' ainda ele que lembra o processo de certa mulher, assassina do marido, e que perante o júri se defendeu com trechos de Balzac, decorados. A escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho fala numa senhora de suas relações, que começaram a compreender a vida e viver de verdade no dia em que leu o primeiro livro de Balzac.

O feitiço apodera-se dos leitores e transforma-os em pesquisadores. O visconde de Spoeberch de Lovenjoul, preso do deslumbramento, gasta a fortuna e a vida a procurar manuscritos inéditos de Balzac. O erudito Anatole Gérôme lembra-se de fazer um inventário completo das personagens balzaquianas, catalogando-as como pessoas vivas; e convence-se de tal forma de sua realidade que acaba, num desvario, por se sentir uma delas. Muitos outros balzaquianos são possuídos por venerável monomania: Georges Vicaire devassa todos os papéis da falida tipografia de Balzac para descobrir o nome da amante desconhecida e generosa que o romancista, em suas cartas, chama de "Dilecta"; meu amigo W. H. Royce, em Nova York, não tem outra ambição senão a de ler tudo o que se escreve sobre Balzac e de registrá-lo em suas excelentes bibliografias, e o sr. Santiago Gastaldi consagra a existência a entreter um Museu Balzakiano em Montevideu.

Mas voltemos à França, onde Balzac naturalmente fez o maior número de vítimas e onde seu culto ainda hoje é mais intenso, graças sobretudo ao apostolado de Marcel Bouton, ex-conservador da coleção Spoeberch de Lovenjoul, que reuniu em redor de seus fechários um núcleo de fervorosos adeptos. Um deles, e dos mais notáveis, é Pierre Ripert, escultor de talento e homem de espírito, que encontrou maneira interiormente medita de prestar homenagem ao seu escritor preferido. De tanto ler e admirar a Comédia Humana, ficou com as principais personagens gravadas na memória e acabou por vê-las como se exis-

tissem realmente — isto é, como as via o próprio Balzac.

Aproveitando-se das armas de seu ofício, feve a idéia de moldar em bronze, gesso e terracota algumas das figuras mais poderosas da Comédia. A vista dos primeiros êxitos, animou-se a realizar uma galeria inteira de personagens balzaquianas. E aqui temos o pal Grandet, o avarento, provinciano frio e obstinado, que por amor ao dinheiro se torna o alvo da felicidade da filha; o pobre velho Goriot, vítima da afeição excessiva às próprias filhas; o ambicioso Rastignac; a sra. Bradiey, a cuja dolorosa agonia assistimos em O Roomeiro; o probe perfumista César Birotteau, a quem sua falência leva ao túmulo; e, finalmente, sinistro casal, Vautrin, o galeriano disfarçado em burguês, e a sra. Vanquer na famosa ida ao teatro era o mesmo da tabuleta do Boi na Moda, restaurante famoso de Paris daqueles tempos. Lera tudo o que se escreveu sobre a Comédia Humana para descobrir que o caricaturista Bixiou tinha um modelo vivo na pessoa de Henri Monnier e para darg-lhe os traços deste último. Finalmente, no caso das personagens em que Balzac entendia representar-se a si mesmo, atribui-lhes as fisionomias do

éle se assemelhava a um grande prego enferrujado. Estudara os costumes da época para verificar que o chapéu usado pela sra. Vanquer na famosa ida ao teatro era o mesmo da tabuleta do Boi na Moda, restaurante famoso de Paris daqueles tempos. Lera tudo o que se escreveu sobre a Comédia Humana para descobrir que o caricaturista Bixiou tinha um modelo vivo na pessoa de Henri Monnier e para darg-lhe os traços deste último. Finalmente, no caso das personagens em que Balzac entendia representar-se a si mesmo, atribui-lhes as fisionomias do



O PAI GORIOT

Estatueta de Pierre Ripert

sas épocas de sua vida: assim o radiante moço Félix de Vandenesse tem os traços de Balzac aos 20 anos; o fracassado político Z. Marcus também lhe reproduz as feições mas de 15 anos mais tarde.

Ao examinarmos as fotografias (1) dessas esplêndidas miniaturas es- Frância e em coleções particulares, não sabemos o que mais admirar: se o escultor capaz de empreendimento tão trabalhoso ou o escritor capaz de inspirar afeto tão albergado a outro artista; se as estatuetas que com tamanha plasticidade encarnam personagens imaginárias ou essas personagens concebidas com tal riqueza de feições, que obtém uma consagração reservada, em geral, a pessoas de carne e ossos.

(1) Estas fotografias fazem parte da edição brasileira da Comédia Humana, em via de ser concluída.

## NORDESTE

REVISTA DE CULTURA  
Editado pela Empresa JORNAL DO COMÉRCIO S. A.  
Redação e gerência: RUA DO IMPERADOR, 346, 5.º andar  
Recife — Pernambuco

Diretor:  
**ESMARAGO MARROQUIM**  
Editor-chefe:  
**ADERBAL JUREMA**

— Solicitamos permuta com as publicações congêneres...  
— Todos os livros enviados a esta revista serão registrados independentemente da critica asinada.

Número avulso Cr\$ 4,00  
Números atrasados Cr\$ 6,00  
Fórum do Estado Cr\$ 5,00

**R E P R E S E N T A N T E S**  
(Barcelona-Espanha) \* Cicerô (Barcelona-Espanha) \* Cero Dias (Paris-Frância) \* Arthur Coelho (New York-E. U.) \* José Condé (Rio de Janeiro) \* Alcântara Silveira (São Paulo) \* Sílvio de Macêdo (Macapá-Alagoas) \* Jota Soares (Salvador-Bahia) \* Gambarra Filho (João Pessoa-Paraíba) \* Sílvio Duncan (Porto Alegre-R. G. S.) \* Hélio Galvão (Natal-Rio Grande do Norte) \* Alphonsus Guimarães Filho (Belo Horizonte-Minas) \* Dalton Trevisan (Curitiba-Paraná) \* Salim Miguel (Florianópolis-Santa Catarina) \* Antônio Girão Barroso (Fortaleza-Ceará) \* J. Pedrosa (Campsina Grande-Paraná) \* Lydio Neves (Caruaru-Pernambuco).



BIANCHON ESTUDANTE

Estatueta de Pierre Ripert



Houve um tempo em que o medidor de luz fazia jus a seu nome. Anos atrás, esse aparelho servia apenas para medir o consumo de luz.

Porém, hoje em dia, seu "medidor de luz" representa muito mais. Ele é o símbolo de tantos outros aparelhos que trazem conforto e co-

modidade para o seu lar. Esse medidor registra o funcionamento de seu ferro de engomar, de seu refrigerador, de seu rádio... E tudo isso por preço tão baixo... pois a eletricidade, que tudo torna possível, cinda é o serviço mais barato nesses dias que correm — diz "Seu" Kilowatt, o criado elétrico.

PERNAMBUCO TRAMWAYS AND POWER CO. LTD.

# ALCEU AMOROSO LIMA

Luiz Delgado

**Q**UANDO o tempo nos der a distância e a equanimidade suficientes, descobriremos — nós mesmos ou os nossos sucessores — que um lugar diferente e raro foi ocupado em nossa cultura, nesses anos, por Alceu Amoroso Lima. E nem tivemos o vazar, nem nos demos ao trabalho de procurar saber a exata significação disso, no confuso e contraditório mundo de nossas letras.

Parce que, de fato, não nos estamos apercebendo nem de sua posição nem de sua estatura. E seriam, estas duas noções correlatas polos quais ele é pessoalmente servida para esclarecer o que ele faz em nosso meio, desde que ultrapassamos aquele plano de puro esteticismo que para muitos dos nossos poetas e prosaadores, a maioria talvez, não ia além de um belíssimo extremamente superficial. O esteticismo ainda levava em conta certas emoções profundas e sérias; o beletrismo ficava simplesmente no jogo de palavras mais ou menos sonoras. Desde que atravessamos essas zonas fúteis e procuramos imprimir um sentido humano às páginas que escrevemos ou lemos, ligar o coração e o destino do homem que está em nós aos cuidados do artista ou aos divertimentos do artífice que podemos ser em certas horas, — desde esse momento houve uma grave transformação em nossa realidade cultural. E é nesse universo de passagem que a figura de Alceu Amoroso Lima aparece como inspirada por uma vocação e desempenhando uma função absolutamente especial.

Como nenhuma geração traz novidades para a face da terra, alguma coisa de idêntico poderíamos vislumbrar, mas num âmbito muito mais restrito, em outras épocas da nossa história intelectual. Poderíamos falar, por exemplo, nesse esforço de revelação do concreto com que naturalistas e românticos procuravam opor-se ao que seria a ingênua expansão de alma dos românticos — se os próprios românticos não nos dessem igual, mostrando-nos Gonçalves Dias preocupado com problemas científicos ligados à nossa natureza e José de Alencar envolvido em questões de história, filologia e política. A atividade, tão mal definida ainda hoje, de um Tobias Barreto ou de um Silvio Romero tinha o mesmo frago, nascia do mesmo intuito de reduzir as divagações do pensamento às dimensões do real.

Não se tratava, portanto, de uma aventura, inédita, em nossas letras quando se procurou, nos barulhos literários de 1922, traçar de esferas convencionais e formalísticas para um mais efetivo contacto com a cotidiana existência, as nossas realizações artísticas. Mas, as mudanças ocorridas em nossa consciência de povo — pela visão do que se passava no mundo e nos era comunicado depressa e pelos abalos de nossa vida, pois já nos achávamos metidos nas tragédias gerais — acarretaram uma densidade muito maior para o que íramos experimentar: ao cabo de curto prazo, já não era numa substituição de processos e doutrinas de arte que estávamos empenhados e, sim, numa áspera revolução de múltiplos aspectos. Revolução política, revolução econômica, revolução técnica, revolução psicológica. E um dilema a impõe: ou deixar o pensamento puro à mercê de todas essas solicitações divergentes, ou criar nêle e para ele, de acordo com as reclamações de sua essência, uma disciplina orgânica.

O drama brasileiro, desde que este século XX começou a mostrar sua fisionomia própria quando a primeira grande guerra se encerrou na Europa, envolve tudo isso. E a realidade mesma de nossa vida de povo que se está mudando sob nossos olhos, pelas nossas mãos, à nossa custa. E a importância da literatura está em que, abandonados os convencionais parnasianismos e as evanescentes simbolistas, ela se sabe colocada entre duas forças: de um lado, essas transformações do mundo concreto, que ela deve representar e exprimir; de outro, as indagações do espírito, a que ela deve dar voz para que haja um domínio da consciência sobre o caos.

Estabelecia esse quadro de fundo, o cenário da turbilhonante mudança de um povo desordenado e infantil, teríamos elementos para melhor apreciar nossos maiores vultos atuais. Pois, já não os podemos estudar só em si mesmos — como seria possível fazer com um Cruz e Souza ou um Afrâncio Peixoto. O movimento das gerações que enchem agora o palco, tem outro sentido: Carlos Drummond ou José Lins do Rêgo têm de ser olhados da outra forma. E seria dentro desse sistema novo de referências que haveríamos de considerar como convém, a figura de Alceu Amoroso Lima que abandonou os possíveis sonhos de uma reputação literária harmoniosa e tranquila para enfrentar as tarefas da mais variada atuação intelectual que um escritor brasileiro tenha, porventura, acometido.

A variedade dos temas e dos propósitos, com efeito, a primeira nota a assinalar

nessa produção longa e larga. O plano das "Obras Completas" que estão sendo editadas pela Livraria Agir, põe à vista essa amplitude qualitativa: lá estão títulos de ensaios literários, jurídicos, políticos, econômicos, pedagógicos; não falta, obviamente, a série dos estudos sobre religião; e a quantidade dos excedentes vai acolher-se a uma sexta parte, versando problemas brasileiros, memorias e o natural, indispensável DIÁLOGOS.

Contudo, não é somente desse ponto de vista que o plano das Obras Completas dá indicações sobre o trabalho de Alceu Amoroso Lima. Provavelmente, era ele prematuro para tamanha atividade. Vemos, então, os números de ordem crescer para englobar o que não se previra mas a magnifica vitalidade do autor veio criando. E como, de qualquer maneira, havia uma divisão a obedecer, vemos um algarismo 34 surgir ao lado de um modesto 11, e já se inscrevem livros que não trazem qualquer número. Seria, esta, uma observação insignificante se não nos conduzisse para outra feição característica da inteligência de Al-

REALIDADE AMERICANA, cotejando algumas qualidades brasileiras com outras de seus irmãos continentais dos Estados Unidos, ele escreve — por exemplo:

"O americano tem a ordem no sangue, a liberdade na intenção. Nós temos a liberdade no sangue e a ordem na intenção. Elas construirão uma nação para ter mais liberdade e procuram defender essa liberdade nas leis e nas instituições. Mas, tinham de tal maneira o instinto e o amor da ordem que a impressão que temos, ao passar do Brasil para os Estados Unidos, é a que temos, escrevendo, ao passar de um papel sem pauta a um papel pautado. Tudo ali é pautado. Tudo é a hora e a tempo. Tudo é programado e encadeado. Tudo obedece a uma ordem que parece nascida com o primeiro americano... Ao passo que nós labutamos, há quatro séculos, para construir uma ordem, uma ordem política, uma ordem econômica, uma ordem cultural, uma ordem religiosa, mas temos de tal maneira a liberdade no sangue, que tudo parece, perde-me a expressão, uma bagunça". E o

e de nosso pensamento e até mesmo de nossas relações com o sistema de vida de outros povos, deixará de descobrir nessas páginas sugestivas e tópicos que diretamente lhe interessem e alguma coisa lhe ensinem.

Certamente esses temas não são considerados por Alceu Amoroso Lima de um ponto de vista de onde sobretudo se obtêm suas manifestações singulares e típicas. E, antes, o ponto de vista do universal e do essencial, o que ele prefere. Mas, esse realista que jamais desincarna os homens e para quem a própria Redenção não se processa apenas em alma e fé, mas em carne e sangue, — sabe o preço e o significado dos acidentes que revestem toda substância e através dos quais ela se nos torna tangível e presente. Deparamos, então, em sua obra a dualidade indestrutível de tudo quanto é real — o fundo conceitual congregado à aparência corpórea, o princípio abstrato ilustrando o caso especial brasileiro.

Depois desse universo dos destinos gerais, vemos na obra de Alceu Amoroso Lima os ideais que ele defende, manifestarem-se de outro modo — no universo das intimidades pessoais.

A sensibilidade ao segredo de cada ser, ao intraduzível e indizível de cada coração, põe nas suas páginas uma constante nota lírica. Há uma pequenina coisa dita por ele, que vale como legenda de vários capítulos seus. E' a passagem do A EUROPA DE HOJE em que conta a visita feita "num fundo de hospedaria estúria, em pleno Paris" à famosa criada de Proust: ela tem "a figura de uma velha criada minha que me acompanhou a Paris quando eu tinha seis anos". E eis que as reminiscências se misturam de uma babá loura e outra negra, o coração viaja até uma tumba de cemitério, uma data de morte, um apelido familiar sem qualquer acompanhamento. E o escritor avverte: "é assim que juntamos as nossas evocações mais íntimas e insignificantes para o mundo, aos acontecimentos mais memoráveis para todo o mundo".

Tais recordações intimas, só na apariência insignificantes, brotam de vez em quando nas páginas que poderiam ser mais abstratas ou teorizantes da obra de Alceu Amoroso Lima, concedendo-lhes uma palpitação, uma cordialidade, uma simpatia, que já são elementos integrantes do seu feito literário.

E como os extremos se tocam, passamos da calada penumbra do coração assim entronistrado para a fulgurante luz do Reino de DEUS que, conforme diz o Evangelista e vem citado na página de rosto do segundo livro do ano passado de Alceu Amoroso Lima, INTRA VOS EST.

A descoberta da religião, tanto no silêncio interior quanto na disciplina exterior e eclesiástica, ninguém ignora a importância que tem no pensamento e na história de Alceu Amoroso Lima. Será para muitos — ainda, oh! DEUS! — uma importância deformadora e restritiva: o desimpedido crítico literário do primitivo rodapé do JORNAL terá passado a ser um simples sectário, depois daquela manhã de agosto de 1928 em que comungou aos pés de um altar da igreja de Santo Inácio. Aos intolerantes censores dessa pseudo-intolerância valeria a pena conferir os critérios de isenção e imparcialidade... Baste, porém, contrapor-lhes o depoimento ilustre de uma mulher inteligente e sincera como a Sra. Raquel de Queiroz, a propósito do livro que foi escrito por Alceu Amoroso Lima sobre os Estados Unidos:

Em virtude mesmo daquela força e espontaneidade de vida que são o homem nô, em virtude do seu ânimo interior coerente e generoso, ele não haveria de servir a DEUS com reticências e sombrias.

Sua conversa deu à sua vida um ideal heróico, o sentido de uma comunhão incomparavelmente mais profunda que a simples solidariedade, uma disposição de serviço e de luta — tudo isso, em suma, contra cuja ausência se rebelam quantos sabem que a arte não há de ser um refúgio nem a meditação um segredo. Pois, só se vence o sibaritismo estético dando-se à criação artística um significado de ação humana, de esforço em prol de nosso destino comum. E esse destino não depende só de integração nas massas ou de promoções econômicas... Depende, mais que tudo, de elevação pessoal. Até além da natureza, se há uma sobrenatureza. Até o convívio com DEUS, se DEUS existe.

Para ajuizar da obra de Alceu Amoroso Lima, temos que examinar por isso, o endereço de humana utilidade, posto por ele em suas idéias e em seus livros. Nada seria mais oportuno do que fazê-lo à margem do seu mais recente volume — um ensaio sobre o que são em si mesmos e o que poderiam ou deveriam ser em suas intenções.

(CONTINUA NA 4a. PÁGINA)



ALCEU AMOROSO LIMA

ceu Amoroso Lima: sua total espontaneidade.

Nenhuma outra marca será tão nítida em todo quanto ele escreve. Cada pensamento seu, cada palavra sua transbordam do coração — e será isso, talvez, o que apaça ou diminui, em certos setores, o alcance do que ele diz: pois, haverá quem não compreenda o valor de uma grande lição exposta em ar de conversa. A imensa cultura — e será mister redescobrir o completo poder da expressão sob sua máscara de lugarezinho: a imensa cultura de Alceu Amoroso Lima esconde-se debaixo dessa aparente cordial. Ele não valoriza, não explora, não regata o que sabe. Diz, através de um livro, a uma porção de críticos empolgados o que diria num primeiro encontro, havendo conselho, a um adolescente cujo nome não subsiste mas cuja curiosidade adivinhasse. Com a mesma simplicidade, a mesma voz, o mesmo gesto. E reponta então, em seus ensaios mais graves, a expressão familiar, o vocábulo que só se usa entre amigos, e, por isso mesmo, deve ter uma eloquência categórica para romper a rotina e suscitar vibrações.

A folhas tantas do seu último livro A

que há de mais inesperado aí, a meu ver, é a ressaca, o pedido de perdão.

Não direi que algumas vezes essa naturalidade não se torne quase desculpo descurado de estilo. As fases ganhariam em ser melhor articuladas. Mas, Alceu Amoroso Lima não se detém nessas minúcias, nessas rigores. E não será desdém, nesse espírito jamaicano desdenhoso: será a certeza de valores mais altos implícitos no que tem a dizer.

Distribuem-se esses valores por dois universos.

Primeiro, o universo dos destinos gerais. Eis aí um homem preocupado com a sorte dos homens. E como os homens não são indivíduos dispersos, preocupar-se com eles é preocupar-se com os grupos em que vivem e com as instituições em que corporificam os achados de sua inteligência e os hábitos de sua existência, com a sociedade e a cultura. Em nenhum escritor brasileiro encontraremos tão numerosas reflexões sobre tão diversos assuntos. Os volumes ou as crônicas de Alceu Amoroso Lima são um largo fórum onde circulam todos os debates. E nenhum interessado pelos problemas de nossa organização

# Os Grupos Econômicos, As Classes Sociais E A POLÍTICA ECONÔMICO-FINANCEIRA ADOTADA PELO GOVÉRNO DE CAFÉ FILHO

**D**IANTE da política econômico-financeira do governo, os grupos econômicos e as classes sociais dividem-se, apoiando ou combatendo a orientação que vem sendo seguida pelo ministro da Fazenda. Nesse sentido, não têm sido pouco numerosos os pronunciamentos. Dificilmente, todavia, pode-se afirmar que haja uma oposição monolítica, à nova política do Ministério da Fazenda. Pelas pronunciamentos, é de dizer que há grupos econômicos na oposição, de um lado, e, de outro lado, grupos que apoiam o sr. Eugênio Gudin. (Isto dentro de uma mesma classe). Não fica aí, no entanto, a divisão da oposição à política econômico-financeira do governo. Não somente as classes estão divididas, mas também os grupos econômicos. Há grupos, por exemplo, que não têm uma posição uniforme perante essa questão. Parte de um mesmo grupo nega inteiramente a justezza da política do sr. Eugênio Gudin e parte discorda dele por determinado ângulo, apenas.

No fundo, porém, qual o fator determinante da posição de todos esses grupos econômicos e classes sociais diante da política econômico-financeira do governo do sr. Café Filho? Os pronunciamentos desses grupos e classes respondem à pergunta.

Vejamos:

## Posição dos industriais

Como classe, os industriais não têm uma posição firme em frente a esse problema. Eles estão divididos — parte na oposição, parte apoiando e uma parcela menor opondo-se à política econômico-financeira, que vem sendo adotada pelo Ministério da Fazenda, por determinado ângulo, apenas.

Mas, de um modo geral, eles se dividem em dois grandes grupos: os que combatem e os que apoiam o sr. Eugênio Gudin. Os primeiros dizem que a restrição de crédito, que vem sendo posta em prática como medida deflacionária, representa um suicídio para o Brasil e conduzirá a Nação ao «caos social». Pois — argumentam — não é possível resolver os problemas econômicos e sociais do Brasil, hoje, sem um aumento de produção em todos os setores. E, para isto, o crédito é indispensável, principalmente se se torma em consideração o pequeno volume de capitais existentes no País.

Partindo desse pressuposto, esse grupo advoga a facilidade de crédito e a emissão para fins reprodutivos.

O segundo grupo, ao contrário, acha que as medidas de saneamento financeiro tomadas pelo sr. Eugênio Gudin representam, de fato, o caminho de salvação para o Brasil. Consideram as facilidades de crédito como um fator inflacionário e advogam uma rigorosa compressão das despesas públicas, inclusive com a paralisação de obras e a entrega (sob arrendamen-

to) de determinadas empresas pertencentes a União (como Loide, Estradas de Ferro, etc.) às empresas particulares. Sem isso — dizem — não poderá haver salvação para o Brasil — ele marchará inexoravelmente para o abismo, para o caos social.

Quasi sempre, fazem parte do primeiro ou do segundo grupo industriais que representam forças econômicas diferentes. No primeiro, por exemplo, encontramos os pequenos e médios industriais, cuja produção é, fundamentalmente, destinada ao mercado interno; suas indústrias, de um modo geral, são constituidas por capitais nacionais e não têm grandes possibilidades de concorrerem no mercado internacional. Do segundo grupo participam as grandes indústrias, que operam tanto nas praças do Brasil como nas de todo o mundo. Geralmente, elas dispõem de um grande capital e o volume de seus negócios é de vulto grandioso. Por outro lado quase sempre, estão ligadas diretamente ou indiretamente a determinado ou determinados estabelecimentos de crédito.

## Comerciantes: liberdade de comércio

Os comerciantes (com o clube), já se opõem a aspectos outros da política econômico-financeira do governo. De certa maneira, limitam-se a combater qualquer aumento de impostos, taxas ou tributos e a exigir a liberdade de comércio. Dizem que os impostos são o fator determinante do alto custo de vida e, por outro lado, o controle dos preços e do comércio exterior ferem os princípios da livre iniciativa, determinando, igualmente, o encarecimento do custo de vida e as dificuldades de abastecimento. São visivelmente contrários a qualquer intervenção do Estado na economia e consideram a COFAP e a CACEX (orgão que controla o comércio exterior) verdadeiros entraves ao progresso do País e ao bem estar do povo. Acham que a política justa deveria ser a mais ampla liberdade de comércio — tanto interno como externo. Para isso deveriam ser abertas, inclusive, as fronteiras do Brasil aos capitais e produtos estrangeiros, sem nenhuma restrição, posto que — segundo eles — até hoje a experiência demonstra que a intervenção do Estado no setor econômico só tem sido negativa, danosa à economia nacional.

Entremos, considerando um verdadeiro absurdo a isenção de impostos para os produtos que são vendidos pelas barracas do SAPS ou COFAP. São de opinião que se as contingências político-econômicas e sociais do período em que estamos vivendo, recomendam medidas de exceção, visando o bem comum, deviam ser adotados métodos de exceção em caráter de profundidade, de modo a beneficiar o mercado consumidor em sua totalidade. Isto é, pedem medidas de exceção para todos os gêneros alimentícios, ágios es-

peciais para a importação de produtos considerados necessários à vida e à economia nacionais e, finalmente, que todos os participantes da distribuição de mercadorias (os comerciantes) gozem das facilidades que venham a ser adotadas pelo governo.

## Os banqueiros estão unidos

Os banqueiros, em seu conjunto, opõem-se ferozmente à política econômico-financeira do governo. Dão combate sem tréguas as instruções 105, 106 e 108 da Superintendência da Moeda e do Crédito (SUMOC). Dizem que elas (as instruções) contrariam o princípio da concorrência entre os bancos, determinam a retrajagem dos depósitos, em estabelecimentos de crédito particulares não afetam o nível dos meios de pagamento, prejudicam os negócios dos bancos e, por último, têm a função precipua de transferirem os depósitos dos bancos particulares para o Banco do Brasil.

Em resumo, os banqueiros consideram a atual política econômico-financeira e o mesmo sendo altamente prejudicial à economia nacional. Dizem que as três instruções da SUMOC (105, 106 e 108), no fundo, convergem num sentido estranho e sem proveito para a economia nacional: restringem as operações bancárias da rede particular para incrementar a posição do Banco do Brasil, ou para alargar o contingente da moeda em poder do público, deixando a maior parte do meio circulante sem controle financeiro. Para eles, a política justa seria a taxa de juros livre, juros mais baixos para o redesconto dos seus títulos e menor percentagem (sobre o montante dos depósitos de cada banco) a ser recolhida ao banco do Brasil. Nesse último aspecto, aliás, dizem que o ministro da Fazenda está confundindo indebitadamente os depósitos dos bancos particulares para o Banco do Brasil.

## Outras classes e grupos

Há ainda a considerar a posição dos agricultores, classe média, operários e trabalhadores do campo. Torna-se, todavia, difícil precisar qual a posição dessas camadas da população. Elas, depois de 24 de agosto do ano passado, têm se mostrado reservadas, fazendo poucos pronunciamentos, sem profundidade, quase sempre.

Não há sombra de dúvida, no entanto, que não estão satisfeitas com a linha seguida pelo governo na esfera da economia e das finanças. Os pri-

meiros, negociadores de empréstimos estrangeiros para o equilíbrio financeiro, relaxamento do controle externo, aumento da produção agrícola, entrega de empresas da União a empresas particulares, compressão das despesas públicas, inclusive com paralisação das obras públicas, etc.; e outra corrente que se bate, em linhas gerais, por: industrialização do País, aumento da produção agro-pequaria, facilidades de crédito, aplicação dos ágios na produção (fala-se até na emissão de um bonus de produção a ser financiado pelos ágios), industrialização do petróleo pelo Estado, facilidades para a importação de máquinas destinadas à indústria, expansão do comércio exterior, aproveitamento do potencial hidroelétrico do País, desenvolvimento da indústria de ferro e aço, mecanização da lavoura, etc.

Com efeito, as classes sociais e os grupos econômicos, como sempre, dividem-se frente à determinada orientação econômico-financeira, conforme a sua posição na produção; unem-se em blocos comuns, quando têm objetivos idênticos a defender. Podendo, todavia, tomar em posição diferente em determinadas peculiaridades e caminharem juntas para conseguir reivindicações que representam um divisor comum entre elas.

Todavia, a luta por reivindicações peculiares a cada grupo, no momento, é exatamente o que está determinando a divisão e a oscilação das

duas alas, que se defrontam com os problemas econômico-financeiros da Nação. Isso porque, para muitos, o fundamental tem sido a defesa de suas reivindicações particulares. Isto é comprovado pela própria vida: encontramos, muitas vezes, elementos que defendem reivindicações peculiares aos interesses do grupo econômico a que pertencem, mas por outro lado, em se tratando dos principios mais gerais da política, colocam-se do lado oposto, e vice-versa. A muitos isso pode parecer um paradoxo. Todavia, é a realidade que se nos depara, hoje. Não há sombra de dúvida, porém, que com os choques e os entrec�hos, as camadas da população tomarão posição definida em torno de todas essas questões. Isto porque a experiência, a própria vida, fará com que elas compreendam a discutir melhor as coisas a compreenderem que, quase sempre, os verdadeiros interesses de determinado grupo não estão na defesa de uma reivindicação imediata, mas na defesa de princípios mais gerais, que embora possa apresentar uma coisa para um futuro distante, encarna, realmente, os interesses de um indivíduo, de uma parte de grupo ou de um grupo, de toda uma classe. Concluirão, finalmente, que se determinada política econômico-financeira atinge, hoje, parte de um grupo ou de todo um grupo econômico, a classe a que pertence esse grupo será atingida amanhã, fatalmente, se não se modificar a orientação que vem sendo seguida.

## ALCEU AMOROSO LIMA

(CONTINUACAO DA 3. PÁGINA)

lações não tanto econômicas ou políticas quanto morais, consoante, os Estados Unidos. Ao término das numerosas crônicas em que anotava a sua permanência de dois anos na poderosa república — e anotava-a com uma paixão impressionante, tomado partido, como foi o caso na disputa eleitoral entre Eisenhower e Stevenson, — empreendeu ele um novo livro para medir, ponderar e entender essa enorme e complexa realidade coletiva que pesa hoje nos destinos comuns dos povos, de modo tão singular. Não é um livro escrito para contar um passeio ou reviver uma vilegiatura. Para assumir uma atitude de elogio ou combate, aliciando simpatias de um lado, ou de outro. É um esforço varonil de penetrar e interpretar. E de ajudar a viver.

Ele é, sem dúvida, o escritor brasileiro que mais se empenha na construção das cidades do futuro, das civilizações que se hão de erguer mais tarde, num terreno sólido de fraternidade e bom senso ou num chão convulso de insânia e de ódio. Talvez não estejamos dando à sua voz, no Brasil, o eco merecido e necessário. Mas, na Europa ou na América, nos Estados Unidos, no Chile ou na Colômbia, onde quer que tenha andado, com seu alto corpo, seus olhos claros, seus gestos amigos, sua inteligência agudíssima, seu coração honesto e fraternal, ele marca a passagem e assegura a duradoura presença de um Brasil melhor e maior, o Brasil que ainda não somos. Através do seu pensamento que nem sempre paramos para escutar, o mundo nos ouve um pouco. Espero que ele venha ao Recife ainda este ano e a nossa pronúncia saiba recebê-lo.

# DE ADALBERTO MARROQUIM

## A TRAIRA FILOSOFIA

**C**ERTA vez, numa lagôa,  
onde a água mansa não bole  
**A Carlos D. Fernandes**

E a sombra é discreta e boa;  
Cercada da imensa prole,  
Uma traira experiente  
Deitava o verbo, eloquente:

— "Minhas filhas, escutai  
E prestai tóda a atenção  
As frases de vosso pai:  
(Vossa mãe, por convenção)

Sóis ainda pequeninas,  
Sóis tolas, sóis inocentes  
E, à maneira das meninas  
Humanas, sóis imprudentes.

Por isso mesmo vós digo,  
O' minhas filhas quer das;  
E mister contra o perigo  
Acautelar vossa vida.

Que êste lago tão sereno  
É abundante, minhas filhas,  
E decerto muito ameno  
Mas é cheio de armadilhas.

Exemplo: o anzol, a caigara,  
O covo e, enfim, tóda sorte  
De ardís que o homem prepara  
Para atrair-nos à morte!

Que a rede arraste a nós todos,  
Vá lá; é muito explicável.  
Mas cairmos nos engodos  
Dos anzóis, é indesculpável.

E digamos a verdade  
Sem rebuscos, pura exata:  
A nossa voracidade,  
Nossa gula é que nos mata.

E se êste vício não passa,  
Como tóda a sinceridade,  
Se extinguirá tóda a raça!

Vêde a história da piranha,  
Além do mais, picareca:  
Em vendo um trapo encarnado,  
Avança, o anzol abocanha  
E engole o duro bocado;  
Supondo que é carne fresca.

Pois, nós, mutatis mutandis,  
— Continuou a traira —  
Somos tólas e tão grandes  
Como a piranha — "ca'pira".

E sorrindo da piada  
A malandra perorou:  
— "Gravai poiz, ó prole amada:  
Os conselhos que vos dou.

Se virdes nágua esticado  
Um longo fio delgado  
Com um sapo que vos apraz,  
Fugi, fugi, que êste sapo  
Tal qual como aquele trapo  
Tem um anzol por detrás!"

Tocou-lhes fundo, nas almas,  
A bela peroração  
E só não bateram palmas  
Porque peixe não tem mão.

Mas apenas terminara  
O seu discurso eloquente,  
Essa traira preclaro,  
Pela cauda rente, rente,  
Sentiu que um fio passara...

Olhou, então, de soslaio  
E, vendo um gordo cassote,  
Não se conteve e, de um bote,  
Arremeteu como um raio  
Contra o anzol e...  
Foi um dia  
Discursos... filosofia...

\* \* \*

## O BODE E O Touro

**U**M Bode e um touro viajavam juntos,  
Trocando idéias, muito calmamente,  
Como se fossem gente,

Sobre casos rurais e outros assuntos,  
Quando surgiu, na curva do caminho,  
Uma suíça de cabras desconfiadas,

Do jornalista e escritor Adalberto Marroquim, que faleceu no Recife em 1939, aos 52 anos de idade, pouco se conhece. Versos, crônicas literárias, estudos linguísticos, ele os fez em grande número; a pouco, no entanto, chegou a dar publicidade. Jornais de Maceió e desta capital apresentaram alguns deles, inclusive o soneto a Antônio Nobre, que José Auto considerou "a mais bela cousa que já se disse em versos" sobre o poeta português e que de Albino Forjaz Sampaio mereceu referência não menos expressiva.

Tão decotadas como as "melindrosas"  
Senão menos, talvez, um bocadinho...  
De maneira que, ao yê-las, nosso Bode  
Cre'am, ficou doidinho!  
Descrever, francamente, nmguiém pode  
A fúria de que o bicho se tomara  
Para fazer a acrobacia rara  
Que naquele momento executou,  
E todos os espirros que esparrara,  
E todo o bodejar que bodejou!  
Contando a história ao Burro, disse o Boi:  
— "Só se vendo, se sabe como foi!" —  
E acrescentou: — "O Bode era um vulcão  
Que se abriu entre as cabras aterradas.  
Pior que o Fudji-sama no Japão!"  
As cabras, atacadas,  
Fugiram para as grutas, alarmadas.

Neste número, NORDESTE inicia a publicação de trabalhos do jornalista e escritor pernambucano.

Começamos pelos seus primeiros sonetos e poemas, sem esquecer as fábulas que escreveu em 1931, logo após a Revolução que o meteu num cárcere em Maceió (era vice-governador do Estado), e o submeteu aos julgamentos de famoso tribunal de exceção. Nestas fábulas ele se vinga, satirizando-os, dos heróis e dos "juizes" da época...

Desculpe-me, porém, êste ar solene  
De La Fontaine  
E vamos ao que serve:  
Você foi rigoroso em demasia,  
Passando-me essa aڑo descalcadreira.  
Por que? Por uma simples brincadeira  
Que outro bicho qualquer desculparia  
Inda que a cena fôra verdadeira!  
Sim! Porque, em suma, o meu temperamento  
É um produto de taras milenárias  
Das quais eu sou um mísero instrumento.  
Como bom ser, que sou, determinado.  
Eu, você e as restantes almas...  
Demais, meu caro amigo,  
Se pensa que me capera alguém per...  
Está você muitíssimo enganado;  
Pois se nunca lh'o disse, agora o digo,  
Compadre, eu sou capado".

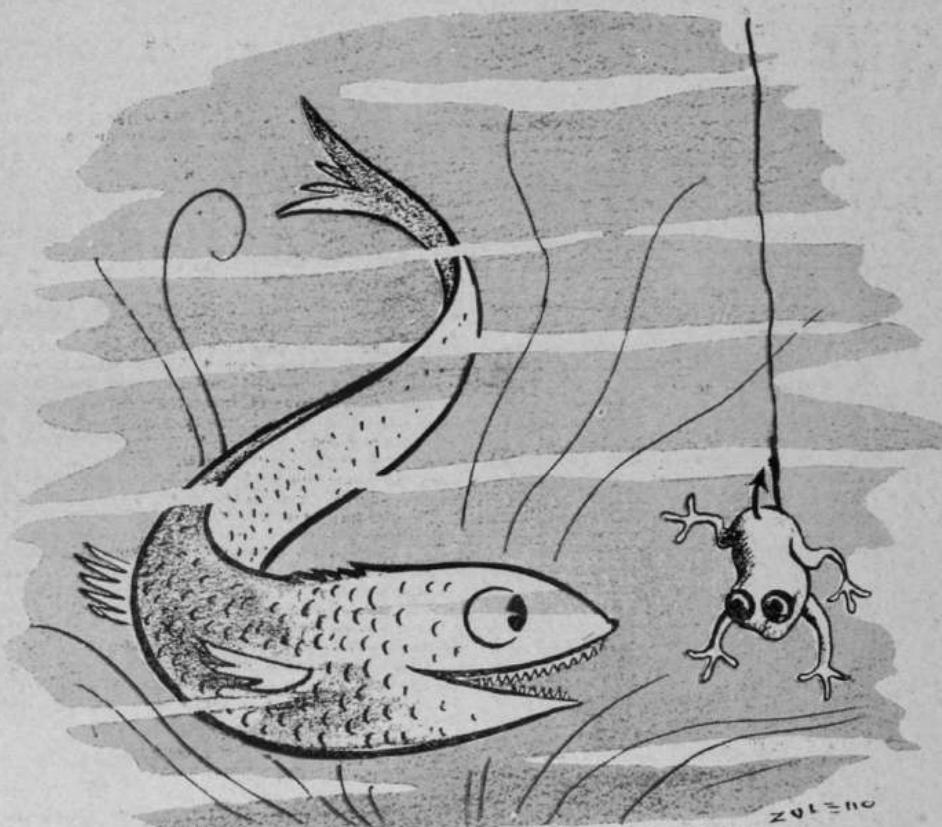


Ilustração de Zuleno Pessoa, para a fábula "A Traira Filósofa"

— Dize-lhe o Bode — E, se duvida, observe...

E, momentos depois, esbodegado,  
Da pulete acesso de libidinagem,  
Com o cavanhaque todo esfrangalhado,  
O Bode junto ao Boi seguiu viagem.

— Compadre Bode — disse o Touro amigo —

Perdi-me a impertinência do conselho,  
Mas eu, na qualidade de mais velho,  
Vejo melhor as coisas e lhe digo:  
Você se estraga, deixe de imprudência,  
Seja mais ponderado e comedido  
Porque, se vive como tem vivido,  
Dá cabo da existência!

Além disto, desculpe-me a franqueza,  
Considero uma falta de atenção  
Você deixar-me em meio do caminho  
Somente por amor à safadeza,  
Somente por amor à cavação...  
Pois isto é de vizinho?!

— Compadre, muitas vezes, a evidência  
Não passa de uma simples aparência,

## OS BICHOS QUE QUERIAM LEIS

**G**RANDE revolução  
no reino do Leão!  
Outros bichos, ferozes descontentes  
com a má gerência dos negócios públicos  
levados pela voz de alguns républicos,  
prepararam na sombra unhas e dentes.

De maneira que um dia  
rompeu a rebeldia.  
Eram pragas e gritos: "Morra o Leão!"  
"Viva a República e a Democracia!"  
"Abaixo a ladroeira e a tiranía!"  
"Pela felicidade da Nação!"

O Leão, embora ousado,  
ficou impressionado.  
Convocou os ministros e, bramando,  
disse-lhes que desejava ouvir os bichos;  
não que fosse atender a vãos caprichos,  
mas, se estivessem com razão, gritando...

Fez-se trégua um momento  
e veio o entendimento.

(CONTINUA NA 6.ª PÁGINA)

# DE ADALBERTO MARROQUIM

(CONTINUAÇÃO DA 5.ª PÁGINA)

— "Senhores, diz o Leão sobreencenhoso, que deseja? Dízei-me o que quereis? Já não sou o mais digno dos reis? Outro haverá mais forte e justiçoso?"

O Lobo, mau parente,  
volvem incontinentes:  
— "Nós, os bichos, queremos, Majestade,  
cansados de mentira e de opressão,  
queremos ter uma legislação  
que nos garanta os bens e a liberdade!"

— "Mas, vós tendes razão,"  
retrucou o Leão.  
E a aspiração mais justa que conheço,  
tanto que eu mesmo já pensava nisso  
e encarreguei o bacharel Ouriço  
de acabar o projeto em bom coméço."

Entre uivos de alegria,  
saiu a bicharia  
convencida e orgulhosa da vitória.  
E enquanto a bicharia grita e dança,  
El-rei pensa e rumina uma vingança  
que certamente há-de passar à História!

Matutou, matutou...  
E por fim, decretou,  
que se fizesse o Código Bestil  
e nele se tornasse valiosa  
toda a Legislação Maravilhosa  
da República Nova do Brasil!  
(1931)

\* \* \*

## JUSTIÇA DE CHACAL

TINHA de ser assim, estava escrito  
que, mais cedo ou mais tarde,  
cairia o Leão.  
O chefe da vetusta monarquia,  
não dando, embora, parte de covarde,  
foi deposto, foi preso e, enfim, proscrito  
pela Demagogia,  
pela Revolução!

O macaco, aclamado Presidente  
e chefe do Governo Provisório,  
imediatamente  
caiu de rijo sobre o adversário!  
E quando, acaso, a vítima estrilava,  
provando sem razão do ato arbitrário,  
porque não tinham culpa no cartório,  
o Macaco explicava:  
— "É do programa revolucionário!"

Tudo cansa afinal!  
E o Macaco reuniu o Ministério  
a fim de organizar um Tribunal  
que, com certo elastério,  
aplicasse aos culpados,  
fôssem eles ministros, senadores,  
funcionários, serventes, magistrados,  
uma sanção penal.

Farejando carniça,  
propôs logo o Chacal:  
— "Entre os paredos da Revolução,  
três bichos eu veria  
capazes de compôr o Tribunal,  
já pela experiência,  
já pela compostura e pela fê:  
A Hiena, grão ministro da Justiça,  
e o Lôbo, da Instrução;  
Quanto ao terceiro... elas dirão quem é."  
E os dois, com pôse calculada e fria,  
— "Mas, só Vossa Excelência!"

Porém dum canto obscuro da assembleia  
ouviu-se um forte e prolongado zurro:  
— "Discordo, disse o Burro,  
de tão mesquinha e extravagante idéia!  
Pensei bem no que digo:  
Confiar o julgamento do inimigo  
a juizes faciosos e suspeitos,  
que hão de negar-lhe todos os direitos,  
é atroc iniquidade  
que só lembra à solerça dos estultos,  
ao gênio insaciável da maldade!  
E que resultaria dessa asneira?  
E que diriam de nós os povos cultos?...  
Que fazemos justiça... brasileira!..."

(1931)

\* \* \*

## O MACACO DE DARWIN

NUM baile chique da aristocracia!  
— Imagem do caráter brasileiro, —  
Por capricho ou, talvez, por zombaria,

(Quem sabe lá por que razão?) havia  
Um macaco servindo de copeiro.

O orangotango olhava aquilo tudo:  
Moços, moças — decotes e casacas...  
E entre tanta alegria, ele, contudo,  
Ele — a surpresa, o "clou", a alma da festa —  
Tinha funda saudade das macacas  
Que deixara no seio da floresta.

Lá pelo menos não havia o tango...  
A moda, por exemplo, era... outra cousa,  
Nem nunca uma macaca orangotango  
Quis imitar o "passo da raposa".

E depois... o "shimmy", o abraço, a cola,  
Os cochichos por trás do reposteiro,  
E coisa tais que o pobre do copeiro,  
O pobre mono quase perde a bola!

— "Pois é mesmo possível que essa gente...  
(Pensava o simólio lá consigo) Sim!  
Pois é possível que essa gente fútil,  
Fazendo tanta cousa feia e inútil,  
Continue a pensar sinceramente  
Que descende de mim?!"

\* \* \*

## A REVOLTA DAS VACAS

**V**ARIAS Vacas feministas,  
já descrentes das conquistas  
de uma sonhada igualdade  
perante ilustre assembleia,  
com rara loquacidade,  
fizeram vingar a idéia  
de dirigir ao Leão  
a seguinte petição:

"Majestade!  
Nós abajo-  
assimadas, revoltadas  
com a prepotência do Touro  
e a posição de capacão  
que nos traz tanto desdouro;  
desiludidas, cansadas,  
não podendo suportar  
semelhante humilhação,  
e mais, querendo provar  
que não nos causa pesar  
a sua separação;  
rogamos da Vossa Graça  
que nos preste grande auxílio,  
decretando, a bem da raça,  
o nosso perpétuo exílio.  
Quanto ao Touro, que se enforque,  
ou se corrija de vez,  
pois temos razões bem grandes  
para, mutatis mutandis,  
fazermos como já fez  
o tal Prefeito de Cork".

Aqui vinham, sem rasuras,  
cento e vinte assinaturas.

Leão riu do pedido  
mas despachou: "Deferido".  
E, quatro dias depois,  
As tais vacas revoltadas  
foram todas enviadas  
para uma ilhotinha sem bois.  
Passados, porém, seis meses  
ve Sua Majestade  
uma invencível vontade  
de saber novas das rezas.  
— Como estariam vivendo  
aqueles pobres coitadas,  
sozinhas, abandonadas,  
na solidão de uma ilhotinha?  
(A consigo dizendo  
o Leão) — Que gente idiota!

E fez o que pretendia,  
mandando à ilha um espião,  
no submarino 11-S,  
com ordem de, em lá chegando,  
ir logo radiografando  
a novidade que houvesse.

Muito cedo, no outro dia,  
o Monarca ainda na cama,  
com surpresa recebia,  
o seguinte telegrama:  
"Centovinte desterradas  
ao tentarem travessia,  
todas elas afogadas".

## OS BURROS POLÍTICOS

(TRILUSSA)

**U**M BURRO monarquista italiano  
disse a um asno francês:  
— "Feliz de ti, pois és republicano,  
porque eu, como bem vés,  
eu devo estar às ordens de um patrão  
que me saga a energia e me carrega  
o costado com balas de canhão.  
Já não suporto mais tamanha esfrega;  
o peso é muito forte em proporção  
dos retracos de feno que mastigo.  
Muitas vezes me queixo e me maldigo,  
mas, ao patrão pouco importa, e entôa  
a Marcha Real enquanto me esbordão!...  
— "Todo o mundo é igual,  
(disse a besta francesa),  
também o meu procede tal e qual,  
mas, em vez de tocar a Marcha Real  
entôa a Marselhesa.

\* \* \*

## A CORTE DO LEÃO

(TRILUSSA)

**O** LEÃO — Rei da floresta --  
À Leoa disse um dia:  
— Como é que tu, que és honesta  
Na corte consentes esta  
Vaca? Bela companhia!

— Bem sei que me faz desdouro,  
(Disse-lhe então a rainha)  
Mas a culpa não é minha:  
A Vaca é mulher do Touro  
E o Touro, deves saber,  
É esteio do teu Partido.  
Suporte, pois a mulher  
Por deferência ao marido.

Mas se soubesses que azar  
Nos traz semelhante par!...  
— Tens razão, comprehendo tudo —  
E o Leão, no mesmo dia,  
Por uma lei, proibia  
A entrada na sua corte  
De todo animal chifrado.

Assim, pois, para estar certo  
De ter uma corte honesta,  
O mais potente, o mais forte,  
O grande Rei da Floresta  
Tornou-se Rei... do Deserto!

\* \* \*

## O LEAO PSICOLOGO

**O** LEAO, apaixonado,  
pedira certa moça em casamento!  
Imagine-se o desapontamento  
Daquela pobre gente! O pai, coitado,

passou noites e noites em vigília!  
Chorava a moça e toda a parentela;  
e para resolver-se a entaladela  
reuniu-se o Conselho de Família.

Um tio, bacharel,  
mestre em chicana, achou a solução,  
e, em nome da família, a El-rei Leão  
desenvolveu este hábil aranzel:

— "Majestade, sentimo-nos honrados,  
"Eu, meu mano, os parentes e a sobrinha,  
"Nevera, em nossos cuidados,  
passou ter na família uma rainha;

"Mas já que aprouve a V. Majestade  
"dar-nos a preferência assaz honrosa,  
"devo falar-lhe com sinceridade:  
"Minha sobrinha é timida e nervosa.

"De modo, Majestade, que a menina  
"e nós, os seus parentes,  
"suplicamos da Graca Leonina  
"privar-se desde já, de unhas e dentes."

O Leão, que ouvira o velho calmamente,  
Entendera a perfídia da proposta  
Deu-lhe displicentemente  
Esta resposta:

(CONTINUA NA 15.ª PÁGINA)

# DE ADALBERTO MARROQUIM

# HISTÓRIA DE QUINCA ROMÃO

APOIS eu vou lhe contá  
um caso da minha vida.  
Ainda hoje, patrão,  
a soudade faz quebrar  
as cordas do coração!

Tou vêlo, já tou cançado,  
não presto pra nada, não.  
Mas porem quando me alem-  
bro  
do que fui neste sertão,  
antônio, moço, acradite,  
qui eu não falo pra fala,  
fico c'eu óio miudão,  
cum vontade de chôd...

Nos era setenta e sete,  
chamado a era da fome,  
o sertão ficou sem home,  
sem gado nem criação.  
Meu pai, vaqueiro afamado,  
vendeu todos passado  
e veio de norte batido,  
ele e toda a obrigação.

O só era um só tirano,  
queimando as folhas nas galas;  
a terra, o céu, todo o mundo  
parcia um fornário!

Nos tres dia de jornada  
nossa mûna impacou...  
Minha mãe, a pobresinha,  
carregando uma fôlha  
qui lhe deu nosso sínho,  
já caia de fraqueza  
e chorava coitadinha,  
prué que ela tinha certeza  
que o leite da rimaninha  
não peito dela secou.

No surrdo de couro crû,  
(faz pena intê de dizer)  
nos seis dias de viage  
não tinha mais de come.

A farinha, a rapadura,  
o queijo, a carne do só,  
tinha tudo se acabado...  
Meu pai, tão triste coitado,  
intê já fazia dô!

E o só n'artura briando,  
as folhas seca seccando...

Quem nunca andô lá in riba,  
quem vêlo junto dos rios,  
nunca pode magina  
o qui é uma treviâa  
pra esses tristes lugá;  
E' andâ leguas inteira  
pulo meio dos caminhos,  
sem uma pousada achâ;  
é morré dos pedacinhos,  
morrê de fome e de sede,  
cum dînhiero n'argibêra,  
sem tê nada pra comprâ.

Quando o cumê se acabou  
meu pai se virô pra mim  
e me dize: "óia, Joaquim,  
o negoço apiorou...  
vai e se caga um mocô.  
que o arfoge se esvaziou."

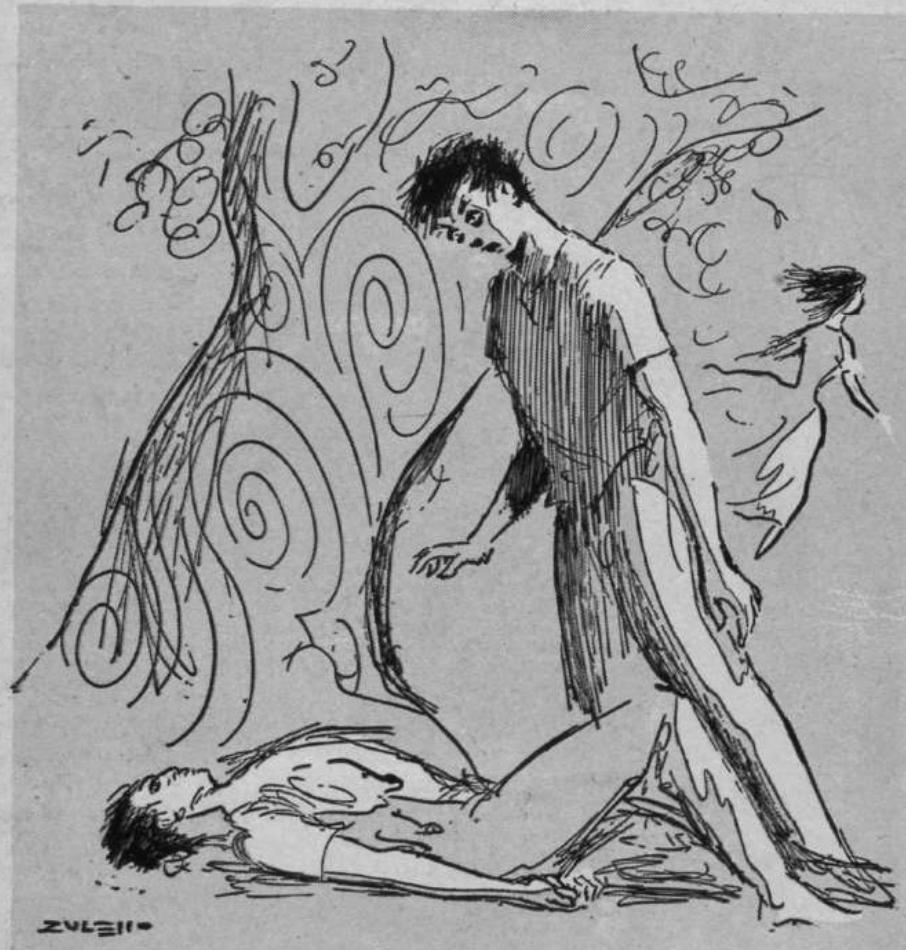
## VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO

(CONTINUAÇÃO DA 9. PÁGINA)

sino. E' duro termos de revolver esse terreno onde o ensino não frutificava e a colheita das idéias não passava de u'ma mistificação. O professor está voltando ao seu lugar na sociedade. Já podemos exigir dele que seja um técnico, um especialista. Mas, ainda não é tudo, porque o que mais devemos reclamar de um mestre verdadeiro e autêntico é que seja o fator mais preponderante das conquistas fundamentais da civilização. Se queremos liberdade e respeito aos nossos direitos naturais, sociais e humanos, peçamos ao professor que transmita às gerações do mundo moderno a noção do que somos como homens e criaturas de Deus. Se condenamos a falsa cultura, que a condenação venha da escola. Se nos incrimos contra os falsos profetas, que a escola nos diga onde está o caminho da compreensão e do amor.

Se pretendemos uma vida livre e digna, que o ensino seja a afirmação dessa dignidade e dessa independência. Se almejamos extinguir nas relações humanas a injustiça das doutrinas e dos sistemas políticos, que nos mostre o professor onde está o caminho da compreensão e do amor.

Valorizemos a nossa atividade tornando-a imprescindível sob todos os aspectos: como técnicos, aprimorando cada vez mais o nosso conhecimento; como homens, dando o exemplo que traça rumos definitivos e irrecusáveis; como mestres de gerações construindo o nosso próprio futuro não somente a pripes de inteligência e de cultura, mas pela força inquebrável da moral. Termine com um apelo ao professor para que seja cada vez mais o mestre das almas e dos corações, o evangelizador da sociedade, o apóstolo do novo tempo. Que não se faça nada sem ele. Que a reconstrução da vida seja a revalorização mesma do professor. Que a nossa atividade não se converte numa carreira burocrática. Que o nosso Estatuto não seja apenas o dos Funcionários Públicos. A valorização interior do professor é a regeneração do país. E é malo do que isso: a segurança do nosso destino é a tem nas mãos pela consciência mesmo do seu dever. Só o mestre continua no tempo. Sua missão não tem prazo determinado. Ela é singular por isso. Somos o valor positivo da cultura humana. E' esse mestre restaurado no seu exato sentido que procuramos e proclamamos neste momento como o verdadeiro artífice da nacionalidade e de cuja presença não podemos



Desenho de Zuleno Pessoa

Butemo o matulotage  
debaixo dum juazeiro,  
e eu me butei pra catinga  
cum cachorro mocozero!  
Já passava de meidâ...

A areia ao chão ardia  
qui paricia um braçero!

E' me butei pra catinga,  
óio, moço, não é mentira:  
me perdi num intrançado  
de favela e mancambara,  
de zique-zique e fazêro,  
uns ispinhêro damnado  
qui o couro da gente tira,  
Nô sinô, não é mentira...

Quando foi de tardezinha  
vortei da minha caçada;  
e trouxe raiz da imba,  
trouxe mês de mancambara,  
trouxe um mocô...  
[nada]

Fazia duas semana  
qui nós sofria esse horro...  
O céu não tinha uma nuve,  
o mato nem uma frô!

Das duas horas em vante  
a gente ôiava e não via.  
Pra riba da fôlarda,  
pra riba do chão da estrada  
o só de fogó trimia!  
Mas nada disso era nada:  
Outras coisa mais plô,  
Havêro de nós sofrê  
dibazo daquele só.

Meu pai — o pobre velhinho  
abria a boca, anciava...  
Se queria caminhâ,  
dava dois passo, apareava.  
Minha mãe [fazia pena!]  
agarrava c'á piquena,  
o ôio morto afundando,  
pra essa luz paricia  
uma purga de ossos andando!

Quando fez vinte e dois dia  
qui nós dezemo o sertão,  
sô restava da famâ  
eu e Zusa, meu irmão.  
Oas outro tinha ficado

prescindir na tarefa esplêndida de uma nova descoberta de nós mesmos.

(\*) — Palestra pronunciada no Congresso de Educação  
realizado em Campina Grande, em 1952.

pra real nossa oração.

Na quinta noite de terço...  
(Eu confessô o meu pecado  
praque ue veru pequen  
zia quinta noite de terço  
não ouvi... mas pras maya,  
não fiz conta da novena,  
intê resa... não reseli!

Parcia mal ôiado,  
apois eu fiquei mudado,  
não era mais o Joaquim...  
Todo lugá qu'eu ôiava,  
pra Deus, eu via qu'fava  
dois ôio ôiando pra mim!

Na roça, in casa, no terço,  
in pé, drumindo, accordado,  
minha resa era a Dorinha,  
a neta do Zé Bernardo!

A Dorinha era bunital  
Bunita qui nunca vil...  
Eu... era um pobre vaqueiro,  
sem fama, sem dinheiros,  
da serra do Cariri...

Mas no derradeiro dia  
da festa do Zé Bernardo  
eu — Quinca — qui não bibiu  
passsei na casa da Nanna,  
virei dois copo de cana  
e fui pra lá distinado.

Munto de longe se uvia  
trupé de sapateado...

Quando eu cheguei no terreiro  
o povo tava dansando  
e as violas ripicando  
nas unha dos violero.

Fui nas roda, fui na sala,  
ispiei nas camarinha;  
vi todo o povo da casa  
e nada de vê Dorinha...

Bem diz o oito, seu mogô,  
qui o coração adivinha...  
Curri da casa, da festa,  
andei pulo discampado.  
Eu nem sei o qui sentia,  
só sei que me ria  
um pensamento danado!

Tava a noite tão iscura  
qui nem uso de aribú.  
Pru minha infiúcidate  
eu vi uma claridade  
dibazo dum pé de imbá.

Deu-me logo uma tremura  
Cusmo uma onça manhosâ,  
me butei, moço prald;  
pulo cantinho da cica  
fiz a vorta do currá.  
O coração adivinha...

Apois nequele lugá,  
cum home... tava Dorinha!

Fiquei doido, fiquei cego,  
perdi, seu moço, a razão:  
avei irribá do cabra  
e, mais de trei veis, a faca  
lhe infiei no coração!!!  
Dorinha correu gritando,  
o povo velo chegado  
e eu fiquei lá, sem ação.

Mas quando chegaro junto  
do difunto uma candela  
e qu'eu ôiei prô difunto...  
Qui dô no meu coração!  
Ali, deitado na aréa,  
eu peito todo rosendo,  
c'us olas ibugalado  
tava... Zusa, meu rimô!

## Cooperativa

## BANCO DO NORDESTE

As melhores Taxas  
para Depósitos

Rua do Imperador

RECIFE

PERNAMBUCO



# CIMENTO PORTLAND POTY

EM PRODUÇÃO SEMPRE ASCENDENTE PARA ATENDER UMA ASCENDENTE PREFERÊNCIA

*Procure o revendedor mais próximo que sempre tem em stock Cimento POTY*

# VALORIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO COMO ATIVIDADE PROFISSIONAL

Nilo Pereira

**C**OEGO por louvar a idéia de realizar nesta cidade tão cheia de boas iniciativas um Congresso de Educação, que não seja um certame apenas brilhante, mas profícuo. Que não tenha nenhum aparato. Nem as fases aparentes das palavras sem as obras e destas sem o sentido humano e espiritual, que as anima. Geralmente, os Congressos da Educação se resumem numas afanadas pesquisas de citações, numa erudição ampla e sonora, da qual não se poderá dizer, com efeito, que é inútil; mas, da qual sempre poderemos afirmar que pouco adiantou ao conhecimento de nós mesmos, a essa penetração essencial na nossa própria realidade. Realidade que pode não ter a sedução de outras pelo que haja em outros povos e latitudes culturais de verdadeiramente profundo como resultado da longa experiência do espírito humano; mas, que nem por isso nos deve parecer menos sugestiva ou menos irresistível, pois o que nos tem faltado é precisamente esse trabalho para dentro de nós mesmos, essa introspecção indispensável à visão íntima e exata do nosso complexo cultural. Acredito que o problema do ensino, no Brasil, comece a se configurar no esquema de suas necessidades básicas, quer pelo que concerne à sua finalidade, quer pelo que diz respeito aos seus métodos. E disso é, sem dúvida, demonstração evidente o Congresso que se está realizando em Campina Grande e ao qual se ligaram, desde o primeiro momento, nomes como os de Milton Paiva e Dumerval Trigueiro, nos quais não encontramos os pedagogistas do modernismo agnóstico, os defensores de uma instrução separada da educação, os professores de falsa especulação, como os que afirmam que a sociedade é o fim último do homem e os que chegam, ao ponto de negar que o objeto imediato da pedagogia, como ciência prática, seja a criança, ou como os que se obstinam em não reconhecer no ensino um ideal ontológico e moral; mas, os autênticos mestres de uma renovação pedagógica que podemos saudar, embora os vestígios do laicismo republicano como sinal de novos tempos, se bem que tais vestígios ainda sejam tão visíveis. E não apenas visíveis, mas sensíveis.

Eis porque confio sinceramente nos resultados deste Congresso de Educação, menos porque represente uma reunião, como tantas outras, para debater problemas do ensino, do que pelos objetivos que animam os seus organizadores. Somos um país ainda à procura de si mesmo; mas, já vislumbramos algo que nos possa dar o itinerário seguro de uma caminhada que, no terreno da educação, sempre se abriu, infelizmente, em encruzilhadas de toda espécie, fruto não apenas da inexperiência, mas também do liberalismo pedagógico e do naturalismo negativista que por tanto tempo informaram a nossa cultura. E dos quais, é certo, não nos libertámos ainda, em que pese aos resultados que nos oferece a tentativa de adaptar a nossa realidade a contingências culturais, que não são as nossas. O que é um érro igual ao de experimentar métodos antagônicos à finalidade da ciência ou da arte, como se para atingir um determinado fim não houvesse o meio próprio de especulação, o caminho natural da indagação e da análise. Hoje, o nosso caminho natural é, de certo modo, uma volta a nós mesmos, uma reconsideração de nossas próprias posições, uma nova tomada de contacto com os nossos problemas fundamentais, o que exige um senso realístico de proporções e de perspectivas, que nos priva da falsa experiência e da miragem de um ensino que, apenas com o nome de moderno e rigorosamente experimental, não tem por isso seu conteúdo esgotado e sua missão totalmente cumprida.

Quido que este Congresso de Educação, não tratando embora dos fins da pedagogia, não se afasta, contudo, da atenção imediata que devemos dar, como mestres e educadores, também, que onde estiverem reunidos os verdadeiros mestres, isto é, os verdadeiros idealistas, a estaria a cogitação dos quadros do magistério entre nós, pois levará em conta, suprema da tarefa intelectual que exercemos, menos para ganhar a vida do que para formar a vida. Menos para sermos úteis a nós mesmos do que aos outros.

\*\*\*

A valorização do magistério como atividade profissional, que confiasse ao meu entusiasmo pela missão de professor, à necessidade de reivindicarmos não apenas direitos e prerrogativas do professor na organização, ainda tão precária, envolve, de início, um aspecto sedutor, que considero primordial nas nossas considerações: como estudiosos da Pedagogia, apercebidos, antes de tudo, da necessidade de fazer do mestre, não um arrivista, mas um especialista. Isto é, um homem que escolheu sua vocação, que a informou, como o advogado, o médico, o engenheiro, por uma cultura especificamente cuidada para o exercício pleno da profissão. E profissão tanto mais honrosa, de certo, quanto mais elevada à categoria de uma especialização, com os requisitos especiais de um autêntico apostolado. Daí ser o professor não apenas um homem que escolhe uma carreira, que se dedica a um ofício, mas se apercebe de que isso tem de ser revestido do caráter que charmei diferencial de um sacerdócio. O problema da vocação no magistério assume uma importância transcendente, por isso mesmo que cabe ao professor a árdua missão de preparar gerações. De cultivar no espírito humano, desde os primeiros instantes de sua formação, a inteligência tão admiravelmente plástica à emoção criadora e, ao lado disso, as virtudes essenciais à vida humana.

Ao meu ver, conquista que deve ser inscrita entre as maiores de quantas possamos pretender, é a de preparo profissional do mestre. Porque a valorização do magistério combega, com efeito, por essa preparação fundamental, que impede seja o exercício de tão nobre missão, como tantas vezes foi, uma corrida à aventura. Um avanço integral, com professores improvisados, recorrendo ao ensino como meio de superar sua própria frustração em carreiras outras que abraçaram sem vocação; ou para as quais não contaram com os elementos que a sociedade exige para o éxito, o que tem feito com que muito bacharel termine ensinando história da civilização, ou muito médico, se transforme em professor de ciências físicas e naturais, ou muito engenheiro passe a ganhar a vida no quadro-negro, às voltas com as matemáticas. Isto estaria certo se o ensino, em semelhante caso, exigisse a formação científica nas diversas escolas superiores; mas, não como evasão, ou malogro do profissional, que pode estender sua atividade até o magistério, mas sem fazer do magistério uma aventura. Ou uma tábua de salvação.

Afinal de contas, que é o professor? É o profissional que ensina, ou melhor, é aquele que se especializou para transmi-

tir os conhecimentos de sua especialização. Fala-se muito contra a comercialização do ensino; e fala-se com razão, porque um colégio pode ser tudo, menos um balcão, menos uma mercadoria. Mas, devemos reconhecer que o mesmo mal, ou antes o mesmo crime cometem-no aqueles que se lançaram ao magistério para fazer deles um ganha-pão, ensinando o que não sabem. Ensinando errado. Ou apenas fingindo que entendem. O que é u' maneira de fazer comércio, vendendo mercadoria falsa, às custas, não raro, de um brilho aparente e ilusório, que sempre se desfaz mais adiante quando a experiência mostra a deficiência de certos ensinamentos, o vario de uma ciência de afoigadillo, que se improvisa nas aulas a enccher o tempo.

Esse tipo de professor está desaparecendo graças à especialização, à formação cultural que dele se exige para não ser o arrivista do ensino, o protagonista do pior dos fracassos, que é aquele que se transmite ao educando numa idade em que tudo é confiança, em que a alma se abre docil às impressões e à inteligência humana recebe, para não perder mais, a marca inicial do mestre.

Como verdadeiros professores o que chamamos valorização do magistério é exatamente sua formação profissional, sua preparação intelectual e moral, que vai desde o método até o conhecimento exato dos objetivos essenciais da educação. Porque se a metodologia é para o professor o meio, o processo integrado na tarefa de desabrandamento espiritual, a educação integral, considerando o homem na sua finalidade terrena e supra-terrena, colma o fim último e eterno do homem. Nessa preparação do mestre não se incluiu tão somente o aprimoramento do método, pois isso, com efeito, não esgotaria a Pedagogia, tomada na sua integralidade como ciência da educação. Mas, já al, de certo, haveria que enveredar pelo terreno da concepção ontológica do ensino, o que para muitos não passaria de simples tentativa de obrigar o magistério a uma conduta confessional, que seria a transgressão, segundo a maioria dos próprios pedagogos, do princípio fundamental da liberdade de pensamento e de catedra.

\*\*\*

Quando me refiro à valorização do magistério como atividade profissional, logo me ocorre que vamos atingindo essa fase de aprimoramento intelectual do professor com a criação, «a torca tão disseminada» em tantas Faculdades das Faculdades de Filosofia. A reforma «de sr. Francisco Campos», que teve, sem dúvida, os seus defeitos, apontados tão largamente pelo sr. Tristão de Azevedo em artigos, ensaios e conferências reunidos no livro «Debates Pedagógicos», foi um passo decisivo para a formação cultural do mestre nas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras. Porque a verdade é a seguinte: se queremos valorizar a profissão do professor, a primeira coisa a fazer é nos preparamos para ela. E nos preparamos tecnicamente, pois é essencial que haja, em todo o rigor da expressão, o profissional do ensino, como o profissional das carreiras liberais. «O caráter da especialização técnica das velhas escolas superiores — escreve o professor Silvio Rabelo — certamente não era compatível com essa especialização para o magistério. Não é por outro motivo que nunca tivemos professores devidamente preparados para a sua tarefa. Mas bachelês, médicos, engenheiros — autoridades da profissão do ensino».

Convenhamos em que o autodidata tenha por véses saído bom mestre; mas, mestre sem preparo, sem o conhecimento essencial de sua profissão. Mestre sem especialização, espécie de râbula do ensino.

Por que a profissão de mestre tanto se desvalorizou neste nosso país? Por que sempre foi mal paga e tanto tempo levou sem garantias legais — garantias que só recentemente tem? Do certo que a vitória de tantas de nossas reivindicações se deve à resistência de nossa própria dignidade à exploração sistemática e deliberada, como ocorre nos grupos profissionais quando adquirem a consciência plena da classe, e como classe reivindicam direitos legítimos e irrecusáveis. Há uma valorização que está em função dessa consciência; mas essa não seria bastante para caracterizar um novo itinerário se também não fôssemos os primeiros a pugnar pelo primado da cultura e da técnica, no qual reside, com efeito, a finalidade objetiva daquilo que Fernando de Azevedo chama a balatalha da humanização.

E' o caso de dizer que o professor se valoriza por si mesmo, valorizando o magistério, isto é, sua específica atividade profissional. Pois, na verdade, que é a profissão? Dir-se-á que é o exercício de uma carreira, de uma determinada atividade liberal. Mas, a profissão, que é a vocação encontrada e realizada, exige requisitos fundamentais de cultura, que a valorizam. Sem esses requisitos podemos ter o autodidata, mas também o charlatão.

Tão alto se colocou o problema que seu plano logo atingiu o nível universitário. Assim, a Universidade estaria incompleta se acaso não incluisse como um dos seus deveres mais relevantes a preparação de professores. Mas de professores que não fôssem simples repetidores, ou autodidatas ainda que empenhados no êxito do seu esforço; e sim mestres e pesquisadores, que fagam do ensino uma indagação constante, uma incansável busca dos valores da inteligência, um debate incessante das idéias. Os modernos processos didáticos são variados e tão intensos, reclamam o professor completo: o professor que saiba como organizar um museu, um seminário de estudos, cursos intensivos, programas de intercâmbio intelectual, científico e artístico. Porque o ensino adquiriu uma imensa complexidade. Para muitos isso complicou o ensino, fazendo do aprendizado uma coisa intrincada e difícil. Mas, só os primários poderiam desdenhar os processos intuitivos que há na maneira de comunicar o conhecimento humano através de métodos atuais, os quais, às véses, pela simples percepção visual do objeto tornam acessível e perdurável o ensinamento.

Sou dos mais entusiastas da especialização técnica e pedagógica pelas Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, as quais, felizmente, não são frequentadas pela sedução tão brilhante do anel de grau; mas, por aqueles que, de fato, aspiram a uma profissão que tenha, com muito mais razão do que outras, um sentido nitidamente humano — o sentido da formação de gerações, as quais, somente depois disso, poderão escolher sua profissão na vida prática e informá-la por um lastro humanístico que o verdadeiro mestre constrói.

Tão vasta e complexa é a atividade profissional do mestre, informadora, num sentido geral, da totalidade das idéias humanas, que a própria função das Faculdades de Filosofia se amplia até o ponto de já não serem tais institutos

simples organizações universitárias destinadas à preparação do professor secundário. A elas cabe o aproveitamento das vocações mais decididas para a especulação e o estudo desinteressados. Ainda mais: a iniciativa de transmitir a cultura em forma e ao nível que lhe é possível elaborar ou atingir. (Silvio Rabelo).

Temos direitos a fazer valer; e muitos deles — o direito a um salário melhor, por exemplo, mais compatível com a dignidade mesma da profissão — já alcançados nessa ingente pereja em que não há propriamente o interesse de cada um, mas de classe. O interesse profissional nitido e justo.

Mas, se os governos começam a reconhecer tais direitos, enquanto se estimula e valoriza o magistério pela formação técnica e pela especialização, eu gostaria de dizer que o professor completa essa obra de alevantamento do seu próprio ofício fazendo-se um apóstolo do ensino. E não apenas um instrumento da educação. Muitos dos maiores do nosso tempo vêm da ausência desse apostolado. Não somos aqueles que pretendemos apenas que nos paguem melhor, que nos assegurem umas tantas garantias, de resto indisplicáveis à finalidade mesma de tão árdua profissão. Somos também aqueles que queremos compreender e ensinar como uma doação de nós mesmos à terra, por tantos motivos superior e nobilitante de prepara gerações. O que não é apenas dar a ciência ao educando, nem também a fé. E quando digo a ti, refiro-me não somente a uma crença que não podemos desdenhar, mas a confiança no próprio homem. E' essa confiança que estamos perdendo no mundo moderno, porque o utilitarismo da vida camoucou o amor e o idealismo. Se nos valorizamos perante nós mesmos, apurando a nossa especialização e abandonando a aventura, temos que nos valorizar perante a sociedade em que vivemos. Que não vejam no professor apenas o que cumpre cumprir o seu dever, quando cumple, mas, um sacerdote, uma espécie de sacerdote, que não o seja porque lhe dão esse nome, mas porque reúne essa profissão as virtudes essenciais de um apóstolo. As virtudes do homem de ciência e do homem de fé. A sociedade perdeu a confiança no mestre. No mestre austero, devotado, desinteressado, que não ensinava apenas: educava. Que não se importava apenas dos meios, mas dos fins. Que não acrediava apenas em si mesmo, mas em outras forças mais profundas. Que não exaltava a catedra apenas pelo saber, mas pelo exemplo. O que mais valoriza o mestre é o poder que ele tem de ser um exemplo. De ser um caminho. De ser a verdade e não a verossimilhança. De ser a afirmação e não o mero terno. De ser o rosto e não o funcionário. De ser a vida e não o aniquilamento. O magistério não se esgota no exercício da função, porque não é de uma burocacia que se trata, nem o mais importante, na escola, é assignar o ponto. Por isso há uma técnica, que é cultura orientada para um fim, e um tecnicismo, que não vai além dos meios; há uma Pedagogia, que desbraça o caminho das gerações pelas processos que a ciência vai ampliando pela experiência adquirida, e um pedagogismo, que é a fatuidade do falso conhecimento, que não vê na criança nem o objeto da educação nem o homem do futuro. A técnica é o amor; o tecnicismo é a obrigação. A Pedagogia reclama o apostolado; o pedagogismo contenta-se com a assiduidade do professor e se exalta no cientificismo sempre petulante e vazio.

Não vos digo novidades, senhores congressistas. Mas, estou em que devemos requerir as nossas virtudes de mestres e pedagogos. Virtudes a um tempo intelectuais e morais. Nossa missão mais relevante é valorizar a escola. E para isso é preciso ligar a escola ao nosso próprio destino. E nós mesmos, professores, à sorte da comunhão social a que pertencemos. Decerto que o Estado e as organizações particulares devem reconhecer a grandeza da nossa tarefa. Mas, isso não bastaria para restabelecer a confiança no ensino, porque não devemos clamar apenas pelo professor bem pago (e bem pago, de resto, deve ser él, porque seu trabalho é tão grande que não se pode nem aquilata pelos padrões financeiros, oficiais ou privados); mas, pelo professor que se é mesmo um ensinamento. Não comprehendo a profissão sem essa grandeza; e por isso não diravo quando, ao estudar a valorização do magistério como atividade profissional, me ponho a dizer que essa atividade é um apostolado. Expressão em que insisto para mostrar que estamos pensando numa valorização moral, ao lado da valorização técnica e estatal que começa a ser feita.

Muitos são os problemas que nos atormentam. Clamamos pela liberdade e pelos direitos do homem. Denunciamos os êxertos de um mundo desavilado, que se perde todos os dias pelo egoísmo, pelo ódio e pela injustiça. Achamos que a civilização se vai enfraquecendo pelas nossas próprias mãos e sentimos na cultura humana uma permanente frustração. Tememos que a técnica reduza o homem a um automático. E sabemos perfeitamente que a moral se vai evadindo a cada passo da vida, como uma presença incômoda que arrojamos de nós mesmos. «O próprio vocabulário «moral» — escreve Custavo Corrêa no seu mais recente livro, «As Fronteiras da Técnica» — sal da pena com tintas de melancolia, quase a contragosto, por causa do rancor que lhe deitaram as falsas filosofias. O pior é que sentimos tudo isso no redor de nós mesmos, dentro de nós mesmos, mas sem força bastante de resistência. Damos o sinal de alarme, é certo, mas não tomamos as providências.

E' como se vissemos o incêndio, mas já não creditassemos na força de apagá-lo. Notamos a marcha desordenada do homem, mas quem querer que repare: já não apelamos para o professor no sentido de que ele seja o instrumento de recuperação da vida, capaz de por sua persuasão e do seu exemplo restabelecer os valores positivos e essenciais da civilização. E' que o professor tem deixado o magistério pela aventura, convertendo a escola, rumo meio-de-vida. O professor fez-se funcionário e burocrata, um pouco por culpa dele mesmo e também por culpa das próprias educandárias. Desses últimos poder-se-á dizer, melancolicamente, que se tornaram em muitos casos estabelecimentos comerciais. Há professores que se fizeram caixeiros de balcão, Coube-lhes vender a mercadoria; e eles o fizeram com a devida pontualidade e boas maneiras para não desagrada nem ao patrão nem à freguesia. O maior e o mais tremendo êxo do nosso tempo foi a comercialização do ensino. Do professor não se exigia o conhecimento técnico; e como nas casas de comércio a freguesia teve sempre mais razão do que os caixeiros. O mestre, que se revestiu sempre de uma intangível dignidade, arrangou as mangas para a mercadoria, amesquinhouando o en-

(CONTINUA NA 7.ª PÁGINA)

# SERÁ EM PERNAMBUCO A SEGUNDA CONVENÇÃO DE TÉCNICOS DO SESC

Durante a reunião do Conselho Nacional do Serviço Social do Comércio (SESC), que se realizou no Rio, o mês passado, a representação de Pernambuco conseguiu transformar em vitória uma velha aspiração da atual presidência da Federação do Comércio Atacadista e do SESC regionais, cujas sedes são em nosso Estado.

Com efeito, já há algum tempo, o presidente daquelas entidades, sr. Rui do Régo Pires, desejava que uma das reuniões do Conselho Nacional da Confederação Nacional do Comércio e a Segunda Convenção Nacional de Técnicos do SESC fossem realizadas em Pernambuco. Com isto, naturalmente, tinha-se em vista não sómente trazer ao nosso Estado delegações de comerciantes de todas as unidades da Federação, mas, principalmente, propiciar aos técnicos pernambucanos em assistência social aos comerciários um contacto mais direto com técnicos e estudiosos do assunto das diversas regiões do país.

A fim de ser conseguida a aprovação para essa pretensão dos pernambucanos, que se encontram à testa dos serviços sociais do comércio em nosso Estado, certos obstáculos tiveram que ser vencidos. Isto porque, no que parecia, já existiam determinações anteriores, que escolhiam a capital da República como sede para a realização da Segunda Convenção de Técnicos do SESC. No entanto, a delegação pernambucana, que recebeu instruções do sr. Rui do Régo Pires, chefiada pelo sr. Murilo Costa Régo, depois de estabelecer contacto com líderes das bancadas dos outros Estados, conseguiu que o Conselho Nacional aprovasse, por unanimidade, uma proposição, determinando que a próxima reunião do Conselho Nacional da Confederação Nacional do Comércio e a segunda Convenção de Técnicos do SESC fossem realizadas em Pernambuco, por ocasião da inauguração da Colônia de Férias de Garanhuns, em setembro d'este ano.

## ORIGEM DAS CONVENÇÕES

Tendo em vista os objetivos

Vitória da delegação pernambucana na reunião do Conselho Nacional, o mês passado — Origem das Convenções de Técnicos do Serviço Social do Comércio — Os srs. Rui do Régo Pires e Murilo Costa Régo propõem transformações radicais nas atividades do SESC — Estudos — Outras notas



Visão da Colônia de Férias que o SESC está construindo em Garanhuns

do SESC, o Conselho Nacional julgou necessária a realização de convenções nacionais, periodicamente.

Considerou-se que, apesar da autonomia regional de cada Conselho, o SESC não poderia, por outro lado, perder o seu caráter nacional. Daí julgar-se indispensável o estudo e análise coletivos das experiências em todo o Brasil, resultantes dos trabalhos de assistência aos comerciários e às suas famílias.

Nada melhor para realizar esses estudos e análises — considerou-se — do que uma Convenção Nacional de Técnicos. Com isso tinha-se em vista, principalmente, ser estabelecida uma conveniente delimitação do campo de ação e do programa futuros do SESC.

Paulo), a Primeira Convenção Nacional de Técnicos do SESC.

Durante a Convenção, foi debatido e analisado o seguinte programa geral: a) programa geral de ação do SESC; b) problemas específicos do campo de ação do SESC; c) formação pessoal; e d) problemas administrativos e contábeis.

Da discussão dessas questões resultou uma série de indicações práticas e de proposições que muito contribuiram para o melhoramento de todo o serviço do SESC.

## A SEGUNDA CONVENÇÃO

Já a segunda Convenção Nacional, apesar de ainda não ter temário elaborado, terá um significado muito mais profundo, para os trabalhos futuros do SESC, posto que,

além da experiência da Convenção passada, se conta com um acervo de experiências muito maior em relação à primeira convenção, que foi realizada em 1951 — há 3 anos, portanto. Disso decorre, naturalmente, uma enorme responsabilidade da administração regional, em Pernambuco, que não sómente tem a responsabilidade de organizar os serviços de secretaria da Convenção, divulgação, etc., mas, também, o dever de contribuir decisivamente para os debates e, por outro lado, em poder dar, através de seus núcleos de bairros, jornais, clubes, maternidades, etc., demonstrações práticas dos aspectos positivos e negativos dos serviços de assistência ao comerciário e à sua família. Isto sem se falar na hospitalidade natural que deve ser oferecida a todos os visitantes.

Exatamente com esse propósito é que já vem trabalhando a administração local da Federação do Comércio Atacadista e do SESC. O sr. Rui do Régo Pires, presidente de ambas organizações, iniciou a execução de uma série de providências, buscando efetuar uma melhor adequação das atividades e finalidades do SESC, procurando, dessa maneira, satisfazer o melhor possível as necessidades dos comerciários.

Sem embargo, atualmente estão sendo feitos estudos sérios a respeito das atividades do SESC, em Pernambuco, sob a direção do sr. Murilo Costa Régo — a quem o presidente confiou o cargo de diretor do Serviço Social do Comércio, em nosso Estado.

Nesses estudos, a preocupação dominante tem sido o bem-estar social dos comerciários e de suas famílias e o aperfeiçoamento moral e cívico da coletividade. Esta, sem sombra de dúvida, está sendo a constante de tóda a nova orientação do SESC. Todavia, não estão sendo desprezados outros aspectos, que talvez pudessem ser chamados de secundários. Assim é que se procura, por exemplo, analisar com profundidade todas as atividades do SESC, desde as atividades de assistência até as de recreio, tentando-se, logo, a correção do lado imperfeito, o combate ao desvolumento dos seus objetivos e, ao mesmo tempo, luta-se para imprimir uma orientação nova, revigorando-se uma orientação sadia e dinâmica das atividades dos diversos núcleos locais e dos serviços de assistência em geral. Nesse sentido já foram tomadas provisórias a respeito do pagamento das taxas de benefício, levando-se em consideração os encargos de família, salários, etc. e, nessa base, elaborando-se uma tabela proporcional.

Aliás, os representantes do Conselho, que integram o Conselho do SESC, consideram que o campo de ação do SESC, atualmente, é vastíssimo, em virtude mesmo das condições gerais de vida de grande parte de nossas populações serem bastante precárias, no que se refere ao seu padrão econômico e social. Por isso mesmas, estão profundamente engajados em fazer com que o SESC cumpra plenamente a sua finalidade, tendo, porém, a preocupação de evitar que criada uma mentalidade, entre os comerciários, de paternalismo em relação ao SESC.

Essa, incontestavelmente, é uma tarefa difícil e requerível, uma luta constante e árdua. Isto porque as verbas do SESC não crescem nas mesmas proporções de suas necessidades...

Apesar das dificuldades, os diretores do Serviço Social do Comércio estão otimistas e acreditam que, com esforço, abnegação e espírito de cooperação de seus auxiliares, conseguirão levar a bom termo a tarefa que pesa sobre os seus ombros.

# BOLSA OFICIAL DE VALORES DE PERNAMBUCO

INSTITUIDA EM 27-7-1851

INSTALADA EM 28-2-1852

AVENIDA RIO BRANCO, 155 — 1º ANDAR

CÂMARA SINDICAL  
PRESIDENTE — Valdemar Alberto Borges Rodrigues  
VICE-PRESIDENTE — Luiz de Oliveira Lobo  
TESOUREIRO — Armando de Paula Lopes

COMISSÃO DE CONTABILIDADE  
PRESIDENTE — Francisco de Oliveira Santos  
SECRETÁRIO — Arlindo de Barros Aguilar  
Luiz Gusmão

Os Corretores Oficiais de Pernambuco encarregam-se da compra e venda de Títulos da Dívida Pública e particulares, de mercadorias e imóveis, dando aos negócios pronta e segura liquidação

*Por lei, só os Corretores oficiais podem intervir nas transações de Títulos e nas operações a termo de mercadorias*

A intervenção dos Corretores Oficiais nos negócios de imóveis assegura aos interessados as maiores garantias, pois as suas responsabilidades estão definidas em lei

Para comprar e vender bem, títulos, mercadorias e imóveis, procurem os corretores oficiais

# DE ADALBERTO MARROQUIM

## A ANTÔNIO NOBRE

Anto, meu pobre e desgraçado amigo,  
Que dor, que pena triste assim te fez?  
Que sentimento fez nascer, contigo,  
O mais triste poeta português?

A vinha de esmeralda... O oiro do trigo...  
Coimbra... E o Mondego da formosa Inês...  
E tu, meu velho, no teu fado antigo,  
Sô, sempre só, compondo o Sô, talvez.

Eras, na tua estranha soledade,  
Como a alma do penedo da saudade  
Que errasse pelas sombras do choupal...

Passaste, mas, relendo-te as cantigas,  
Choram de comoção as raparigas  
E os poveirinhos do teu Portugal.

## MINHA TERRA

Minha terra! O que eu chamo a minha terra  
é uma geira de humilde condição,  
pobre de tudo o que a cidade encerra,  
mas, milionária de vegetação.

Ali a alma da gente se desterra  
para os silêncios da contemplação:  
aspira-se o ar puríssimo da serra  
e guarda-se mais casto o coração.

Amo, pois, minha terra com ternura,  
por tudo o que ela tem; pela candura  
do céu, pela aspereza do alcantil.

Amo-a porque é a razão desta saudade.  
Amo-a porque, sem nome e sem vaidade,  
é também um pedaço do Brasil.

## DIANTE DO MAR

Gosto de ver o mar. A onda sonora,  
O vasto azul. O trêmulo arrepião  
Das águas, ora em grande fúria e ora  
Num doce e brando marulhar de rio.

Tudo me encanta. Por exemplo, agora  
nessa revolta de tátá bravio,  
O mar dentro em meus nervos colabora,  
Ajuda-me a pensar enquanto o espio.



ZULEILO

É a onda vai... e a onda vem, outra onda arqueia  
o dorso, morre e, logo, outra onda adiante  
cresce rugindo e cai lambendo a areia

Mulher, a vaga é a imagem fiel do que és.  
Ergues o braço contra o esquivo amante  
e, humilhada a chorar, beijas-lhe os pés!



## O MAIS NOVO E LUXUOSO HOTEL DE PERNAMBUCO

- \* A 3 minutos do Aeroporto Guararapes
- \* A 20 minutos do centro comercial do Recife
- \* No melhor ponto da praia de Boa Viagem
- \* 100 apartamentos DE FREnte, todos com varanda, banheiro e telefone
- \* Ar condicionado (opcional)
- \* Restaurante "à la carte"
- \* Uma legião de bons servidores às suas ordens...

## HOTEL BOA VIAGEM

...e AINDA...

Sorveteria "Coqueiral" — Cafeteria "O Jangadeiro"

Não só para os hóspedes como também para o público pernambucano  
Para reserva de apartamentos: End. Telegráfico: "DISLUNA" — Fones:

7867 - 6559 - 7903 — Caixa Postal, 766  
Avenida Beira-Mar, 4982 — (Circular de Boa Viagem)

# LUTANDO, CONQUISTAREMOS O TRATAMENTO QUE MERECEMOS

Assumindo, com os demais companheiros, a Direção do Centro das Indústrias de Pernambuco, o fazemos conscientes de que se nos incumbe uma tarefa árdua.

O Centro nasceu ao lado da Federação das Indústrias, órgão a quem a lei atribui a função de defender os interesses da classe e representá-la junto aos poderes públicos. Sendo prerrogativas da Federação o desempenho dessas funções, parece-nos que deve o Centro agir onde é exigido um pronunciamento mais amplo, onde a lei tolhe a Federação por ser um órgão representativo, com fins definidos dentro da estrutura do Estado e, em parte, subordinado ao Governo, através do Ministério do Trabalho. Ao Centro, sociedade civil, limitada em sua ação exclusivamente pela lei básica, deve caber portanto, estudando profundamente os problemas e oferecendo soluções, colaborar com os governos em tudo que pretendem realizar em benefício do bem público ou combatê-lo quando seus programas forem prejudiciais ao país, colocando-se no terreno dos princípios que defendem ao lado dos governantes ou a eles se opondo frontalmente.

Dentro da estrutura social em que vivemos, somos responsáveis pelo principal ramo da produção. Temos a direção de um setor econômico essencial à vida do país de cujo funcionamento eficiente e em harmonia com as outras atividades, depende a felicidade e o bem estar do povo. É incompreensível que nos alheiamos dos problemas administrativos concernentes à atividade que dirigimos e assistamos indiferentes à postergação dos verdadeiros interesses da Nação, por inércia dos dirigentes ou que, por omissão, faltemos com o nosso apoio e a nossa colaboração aos que, com elevação de propósitos, procuram acertar, honrando os cargos públicos de que foram investidos.

Os fundamentos filosóficos do regime capitalista em que vivemos hoje, além da liberdade e igualdade política vindas da Revolução Francesa, exigem que seja assegurado a todos que se integram na comunidade social condições de vida compatíveis com a dignidade humana. Para isto, ao poder político aqueles fundamentos filosóficos incumbem o controle das relações entre os agentes de produção, a fiscalização dos processos de obtenção de lucro, a condenação e punição do lucro lúgido e da atividade lucrativa anti-social e a promoção do aumento de rendimento do trabalho, estimulando assim o crescimento de produtividade do homem, da fábrica e da terra, único meio de aumentar a renda e o bem estar do povo. A nós, que lideramos os grupos humanos que se dedicam à produção industrial e que, por contingência dessa liderança, nos situamos mais alto na hierarquia econômica, cabe prover de meios decorrentes de estudos e de observações e apoiar o poder político nesse desempenho de seu mandato no que for construtivo e estimulante do desenvolvimento nacional, bem como na sua ação legislativa ou executivo-coercitiva do lucro ilegal, de especulação e de exploração em seu sentido mais amplo. A nossa situação mais alta na hierarquia econômica nos confere o dever e até o interesse de preservar a justiça, a harmonia e a equidade no regime em que vivemos. Nenhum grupo humano seria capaz de impor aos outros, por tempo indeterminado, um regime ou sistema de vida, quando por consenso de maioria ele fosse menos justo e menos equitativo do que outro sistema. Se orientada nossa interferência no sentido de obter privilégios, ou postergar a justiça social, ela seria indigna. Sendo indigna, seria também contraprodutiva e suicida, pois conduziria fatalmente, pelo desvirtuamento crescente da ordem em que vivemos a sua condenação. Os imperativos da dignidade e do interesse nos apontam e indicam o caminho a seguir. Compre-nos, pois, colaboração efetiva e independente com os poderes políticos, utilizando a nossa experiência e conhecimento administrativos para procurar evitar as injustiças sociais, aumentar a eficiência e a renda individuais, pugnando por fórmulas de produzir, fiscalizar, cobrar impostos, punir transgredores que se enquadrem nos preceitos da organização racional do trabalho e da administração, de modo que o crescimento progressivo da riqueza no país permita assegurar a todos o mínimo de bem estar a que o indivíduo faz jus como ser humano.

Esse enriquecimento progressivo decorrente do aperfeiçoamento do sistema de produção poderá permitir à sociedade em que vivemos, dentro do sistema de distribuição de riqueza que lhe é peculiar, fazer prevalecer, para aqueles a quem a-

CID SAMPAIO

natureza privou de capacidade física ou intelectual suficiente para assegurar esse mínimo de bem estar a que nos referimos, a fórmula «para cada um segundo as suas necessidades» abandonada antes de ser posta em prática pelos socialistas e comunistas.

A participação da grande massa popular no organismo produtor de um país que enriquece, através de subscrição de ações de sociedades anônimas adquiridas ou obtidas a longo prazo ou por troca de participação em trabalho, constituiria uma ampla e equitativa distribuição de riqueza, mantendo nos organismos produtores as características de alto rendimento e eficiência peculiares à iniciativa privada. Se no Brasil desses últimos anos este sistema já estivesse posto em prática, estarmos certo de que em lugar da especulação imobiliária com a venda de milhares de lotes das adjacências do Rio de Janeiro até os campos imprecisos onde será localizada a futura capital da República, ter-se-ia mobilizado a mesma soma em investimentos industriais que teriam alterado profundamente as condições de vida do país.

Como industriais nordestinos se nos impõem obrigações ainda maiores. A diversificação do clima, da topografia, da composição física e química do solo, da precipitação pluviométrica, divide o Brasil em áreas tão diferentes que tornam difíceis quaisquer comparações.

A sobrevivência na luta contra condições hostis forja constituições capazes de suprir as deficiências do meio. Ao lado do progresso no Brasil, nós, no nordeste, fomos nos mantendo em lutas árduas com as secas inelutáveis, procurando culturas compatíveis, na zona da Mata, com a aridez desesperada do nosso solo, e, no Agreste e no Sertão, com a exiguidade de tempo da estação úmida. Criamos no princípio deste século um parque industrial respeitável para o Brasil de então chegamos a alcançar do solo árido do sertão uma produção de algodão que representava mais de 70% da produção brasileira. As condições eram iguais para todos, a luta era livre. Com o decorrer do tempo a interferência do Estado foi se fazendo sentir. O plano de valorização do café, cultura então exclusiva de centro, proporcionou lucros vultosos que foram aplicados no centro sul, a utilizar produtos nacionais mais caros nôs, das regiões mais pobres, passamos Véio depois a proteção dessa indústria e na industrialização nascente do Brasil. sem possibilidades econômicas de criar com as nossas reservas um parque industrial equivalente ao que se desenvolvia no sul.

A imigração estrangeira passava ao largo aportando com homens e capitais onde o clima era mais propício. Estrelou-se o controle do Estado e a política econômica e financeira adotada cada dia mais prejudicava a nossa região.

Adveio o controle cambial, exterminando pela impossibilidade de exportação, a produção preponderante de nossa zona árida.

O homem do agreste e do sertão, comprando charque, arroz, feijão, banha, manteiga, enfim quase tudo de que vive pelos preços do nosso mercado interno inflacionado por emissões sucessivas, vendia o seu trabalho expresso em fibras e bagas que cultivava, a preços do mercado internacional, quase invariáveis em relação ao nosso. Enquanto isto a produção exportável do centro sul, o café, protegido por planos sucessivos com o investimento de milhões, elevava o seu preço no mercado interno de 34 vezes em 20 anos. A outra produção do nordeste, o açúcar, que constitui por contingência do clima e do solo a única produção possível na zona da mata, teve o seu preço controlado e mantido compulsoriamente durante 20 anos em desequilíbrio com o preço do tudo o mais que se fabricava no país.

De 1933 a 1942, quando todos os preços se elevaram de 100%, no mercado brasileiro, o açúcar mantinha o seu preço invariável rigorosamente fiscalizado pelo Instituto do Açúcar e do Álcool. Com o decorrer dos anos o fato não se modificou e de 1933 até hoje o preço da maior produção industrial da nossa região se manteve desajustado em relação a tudo o que se produz no Brasil, desvalorizando o trabalho do nordestino na troca de que ele produz com o que precisa consumir.

Espalhados no sertão, no agreste ou na zona da mata, o sertanejo, o curumiba ou o caboclo, que são os que estão no último degrau da hierarquia econômica

e, em última análise, sofrem na pele ou no estômago o desequilíbrio da economia do nordeste, só encontram um caminho: o da migração, e migraram quando a miséria já lhes roubou todas as reservas e, exaustos, só podem transportar como o gado para os açougueiros, com tódia a família na promiscuidade abjeta e degradante dos «paus de araras». Ainda assim são os mais aptos, os que têm uma reserva de esperança, de energia e de saúde que se vão, completando nesta seleção inversa que determinam para a região, a obra de devastação com que a política econômica e financeira do país vem aniquilando o nordeste. Quando as atenções dos poderes públicos se voltam para o norte com a preocupação de estimular ao seu desenvolvimento, as medidas tomadas não são equitativas e o tratamento ainda é de excesso.

O planejamento da economia e finanças do país vem aniquilando o nordeste. Quando as atenções dos poderes públicos se voltam para o norte com a preocupação de estimular ao seu desenvolvimento, as medidas tomadas não são equitativas e o tratamento ainda é de excesso. O plano de aproveitamento de Paulo Afonso é um exemplo. Enquanto nos orçamentos de 1945 até 1953 dotações orçamentárias sem retorno foram atribuídas para Rio Grande do Sul, para Minas, para o Estado do Rio, os investimentos para Paulo Afonso que vão servir aos Estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Sergipe e Bahia, são feitos como aplicação de Capital, rendendo ao Governo juros de 10% ao ano. Ainda mais, exige-se isto quando, sendo aplicada quase a totalidade do capital necessário a tódia a instalação, está a companhia fornecendo 1/3 da energia que tem capacidade de fornecer. As tarifas fixadas pela Hidro-eleftrica para os revendedores resultarão um prego para estes muito superior ao que pagam os consumidores do Rio de Janeiro e São Paulo. (anexo)

Como pensar em recuperação do nordeste se o preço do açúcar continua em disparidade com tudo o que se produz no Brasil? Como pensar em recuperação do nordeste se a energia que se nos vai fornecer como elemento de redenção é cerca de 3 vezes mais cara do que a fornecida às indústrias no Estado do Rio, na Capital Federal e em São Paulo, que concorrem conosco no mercado interno do país.

Constrói-se refinarias de petróleo em São Paulo, na Capital Federal e na Bahia e o nordeste fica esquecido. Só existe uma maneira: lutando, conquistarmos o tratamento que nos é devido em nosso país. Temos de levantar a bandeira da descapitalização de Paulo Afonso e empregarmos todo o nosso esforço para conseguí-lo. Temos de acompanhar ou levar conosco o governo do nosso Estado em nossa luta. Temos de conquistar uma refinaria de Petróleo para o nosso Estado, situado no centro de gravidade do Nordeste e ligado por estradas de ferro e de rodagem a tódia a região e servido por porto de mar magnificamente situado.

Devemos estimular a nossa representação nas Câmaras, não medindo sacrifícios nem fixando limites até onde chegarímos para obter equidade. Antes das fórmulas gerais que permitem estabelecer normas para distribuição de riquezas, precisamos criá-las no Nordeste e só o conseguiremos se formos bastante fortes para mudar a orientação de certos setores da economia nacional.

Só organização, predisposição para a luta e persistência farão com que possamos trazer para a nossa região o que de justiça nos pertence, evitando que o

progresso acelerado das regiões centro e sul descompensem cada vez mais o equilíbrio econômico no Brasil, agravando a migração e deslocando não só o homem, mas também o pouco capital acumulado pelas atividades comerciais e de especulação imobiliária no nordeste.

Infelizmente para Pernambuco os problemas econômicos da indústria do açúcar e os outros ligados à questão cambial, paecem sempre aos governos problemas do grande capital, que deviam ser solucionados pelos «magistrados» cuja aproximação daninha estimula os espíritos do mal para o sucesso político. No entanto os chefes de empresas são os últimos a sofrer o desequilíbrio da economia de uma região. Em decorrência do desajustamento do preço do açúcar ao das outras utilidades o trabalhador das fábricas e do campo em nosso Estado durante estes últimos 20 anos sofreu elevações no seu salário sempre menores que as elevações do custo de vida, reduzindo cada ano que passava o seu poder aquisitivo, baixando cada ano o seu nível de vida. Mesmo nas indústrias próximas, naquelas que durante a guerra de contingências especiais tiveram lucros vultosos, os salários não se elevaram porque a indústria do açúcar, o maior mercado de trabalho no Estado, não podendo pagar além do que o preço do produto permitiu, como atividade ponderante, automaticamente determinava o preço da mão de obra da região.

A isto ficaram os governos indiferentes e na Câmara dos Deputados, raramente os representantes que clamaram contra a taxa de câmbio fictícia e o baixo preço do açúcar que aniquilavam não os usineiros mas as fábricas, a terra e o homem. Todo o patrimônio de uma região.

A liderança intelectual e econômica do Nordeste, o lugar de Pernambuco de 3º Estado da Federação, a liderança econômica do açúcar, tudo isto emigrou para o centro e para o sul tangido pelo mesmo contingência econômica que a do «paus de araras», abaixo da indiferença dos governos, cada vez mais afastados das classes produtoras, mais receiosos de enfrentar problemas econômicos que, interessando a tódia uma coletividade, por serem tratados pelos dirigentes, pelos líderes da indústria, parecem a elas promovendo dos ricos.

Só organização, tenacidade e esforço de luta, repito, permitirão que conquistemos o nosso lugar na Federação. Às indústrias, líderes de uma atividade básica no país, cabe uma parcela de responsabilidade nessa conquista.

Eleitos para o Centro das Indústrias praticamente no inicio das suas atividades, devemos aos nossos colegas gratidão por essa prova de confiança e procurarmos não desmerecerla.

Devemos vencer um período de aparente improdutividade, enquanto formos mobilizados dados estatísticos e constituída equipe de técnicos capazes de encontrar solução para os nossos problemas.

Prometemos-nos, porém, a não fazer ao Centro um órgão inativo e permanecer no cargo somente enquanto sentirmos a utilidade do nosso trabalho e que a tarefa não é excessiva para as nossas possibilidades.

(\*) Discurso pronunciado na cerimônia de posse na Presidência do Centro das Indústrias de Pernambuco.

**As mais lindas padronagens em linho, algodão, sêda e nylons, V. S. incontrará nos dois**

**ARMAZÉNS LIVRAMENTO**

Rua Duque de Caxias, 383

Rua do Livramento, 65 – RECIFE

Visite-os Sem Compromissos



Fachada da Biblioteca Popular de Afogados, um belo projeto de autoria do arquiteto Fernando Menezes, do Escritório Técnico da Prefeitura do Recife.

## REALIZAÇÕES MUNICIPAIS NO RECIFE

# Trabalha A Prefeitura Em Benefício Da Capital Pernambucana



Auxílio da Prefeitura ao Hospital de Clínicas — O prefeito Djair Brindeiro sancionou a lei que concede o auxílio de 500.000,00 (Quinhentos mil cruzeiros) ao Hospital de Clínicas da Faculdade de Ciências Médicas. O cliché acima fixa um aspecto da solenidade, quando o dr. Valdemir Miranda agradece a preciosa ajuda ao edil recifense. Ao lado do prefeito vêem-se ainda os drs. Antônio Figueira, Albino Gonçalves Fernandes, diretor do D. B. E. P., Teódrico de Freitas e o sr. Ivan Scixas, chefe do Serviço de Comunicações da Prefeitura.

O Departamento de Engenharia e Obras muito tem contribuído para o desenvolvimento da cidade.

Sem falar nos serviços rotineiros, como conservação e reparos das principais artérias do Recife, o DEO vem realizando um vasto plano de melhoramentos, os quais não se limitam ao centro da cidade nem apenas às

ruas principais, mas, estende-se a todos os bairros e subúrbios, beneficiando aos morros e córregos distantes.

Dentre os serviços em franco andamento, destaca-se em primeiro plano o alargamento da rua Conde da Boa Vista, continuando em ritmo crescente as desapropriações e pagamentos à classe.

Ainda em obediência ao atual programa do prefeito Djair Brindeiro, o DEO está empenhado ativamente na localização dos ambulantes fixos do Recife, tendo realizado, como medida preliminar, o censo dos vendedores, esperando dentro em breve resolver o difícil problema, sem contudo causar prejuízo à numerosa classe.



As mais lindas padronagens em linho, algodão, sêda e nylons, V. S. encontrará nos dois

## ARMAZÉNS LIVRAMENTO

Rua Duque de Caxias, 383

Rua do Livramento, 65 — RECIFE

VISITE-OS SEM COMPROMISSOS

Prosseguem os estudos para a instalação da primeira linha de "omnibus" elétricos no Recife. O cliché fixa um aspecto da abertura das concorrências para a instalação da rede aérea e subestação para fornecimento dos fios trolley dos "omnibus", vendo-se o engenheiro João Borba de Carvalho, presidente da Comissão e representantes das diversas firmas interessadas na exploração do serviço de "omnibus" elétricos do Recife.

*Foi empossada, no dia 10 de Fevereiro*

# A NOVA DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL

Foi empossada no dia dez deste mês, nova diretoria da Associação Comercial de Pernambuco. Ao ato — que foi uma cerimônia simples — compareceram apenas os novos dirigentes daquela associação de classe.

Depois de lida a ata da assembleia geral ordinária, que elegeu os novos diretores, o sr. Oscar Amorim, presidente, pronunciou breves palavras de agradecimento a todos que têm colaborado com a Associação, ressaltando a atuação do secretário anterior, sr. Antônio Galvão, cujos esforços têm posto a entidade em posição de relevante e sempre na vanguarda da luta em defesa dos interesses do comércio.

— O sr. Antônio Galvão — disse — tem sido um batalhador infatigável pelo engrandecimento da nossa organização, em defesa dos interesses das classes do comércio; sempre que apareceu alguma reivindicação, alguma injustiça a combater, encontramos em primeira linha o nosso ex-secretário.

Logo em seguida, o sr. Oscar Amorim empossou a nova diretoria, que deverá liderar as classes do comércio até 1957.

## MAIOR UNIÃO DAS CLASSES

Antes de ser encerrada a reunião, o sr. Antônio Galvão tomou a palavra, para agradecer as referências feitas, pelo presidente, à sua pessoa. Disse que cumpriu com o seu dever, apenas. Se, por acaso, se sobressaia, deve-se, antes de tudo ao cargo que ocupa.

— E' verdade que sempre procurei me esforçar

O sr. Oscar Amorim, presidente, em discurso de improviso agradece a colaboração de todos — Maior união das classes do comércio — O novo secretário conduzirá a Secretaria com acerto e dinamismo — Notas

para conseguir o máximo. Todavia, o próprio cargo obrigava-me a isso, posto que é a Secretaria da Associação que mais deve se preocupar com os problemas, que se nos apresenta; é a Secretaria que deve estudá-los em primeira mão, coordená-los e encaminhá-los à diretoria, para debate, etc.

Finalizou agradecendo a colaboração que havia recebido dos seus companheiros de diretoria e dizendo acreditar que o novo secretário, sr. Luiz Rio, conduzirá a Secretaria da Associação com acerto e dinamismo, posto que já se tem destacado nas lutas empreendidas e dispõe, por outro lado, de uma alta experiência e uma grande capacidade de trabalho.

— Estou certo — observou — que o novo secretário me substituirá com vantagens. E' necessário, no entanto, que as classes do comércio compreendam a época em que estamos vivendo e unam-se cada vez mais em torno dos seus órgãos de classe, particularmente em torno da Associação, cuja tradição de luta e de combatividade credencia como uma fiel intérprete dos interesses do comércio. Pois, hoje não há mais lugar para o individualismo — desde que os problemas não afetam apenas esse ou aquele, individualmente, mas a to-

dos, indistintamente e, até mesmo, a toda a coletividade.

Terminada a cerimônia, os diretores da Associação se dirigiram, incorporados, para o Palácio do Governo, a fim de cumprimentar o general Cordeiro de Farias, conforme é tradição daquela casa.

## A NOVA DIRETORIA

A nova diretoria da Associação Comercial de Pernambuco está composta pelos seguintes nomes:

Presidente: Oscar Amorim

1.º Vice-Presidente: Dr. Antônio Galvão

2.º Vice-Presidente: José Lôbo

1.º Secretário: Luiz Rio  
2.º Secretário: Domingos Romeira de Sá Ferreira

1.º Tesoureiro: Fernando Flúiza Pequeno  
2.º Tesoureiro: Antônio Campozana

## Diretores

Francisco Véra  
J. Rufilo de Oliveira  
Beroaldo Melo  
Divico Scheidegger  
José Paulo Alimonda  
Murilo Martins  
Joaquim M. Coelho  
Mário Tórres de Melo  
Elísio Gomes  
Jarbas Martins  
Carlos Lopes  
Djalmo Peixoto



No alto vê-se o presidente da Associação Comercial, sr. Oscar Amorim lendo o relatório sobre as atividades daquela entidade. Em baixo, o tesoureiro quando lê o relatório de sua pasta.

Guilherme Cunha Rêgo  
Joaquim Alves Afonso

## Comissão Arbitral

Artur Lundgren  
Luiz Dias Lins  
John William Ayres  
Manuel de Brito  
Antônio Pereira

## Suplentes dos Diretores

Bartholomeu Nery da Fonseca  
Sigismundo Rocha  
Ivan Rocha  
João Pedrosa da Fonseca  
René de Pontes  
Armindo Fontana  
Raymundo Moura Filho  
Allain Querette

Eugenio Siqueira de Oliveira Melo  
Ernesto Odeneheimer  
Gabriel Figueiredo  
Gustavo Ramiro Costa  
Luiz Lira de Melo Guzmão.  
Luiz de Faria Barbosa

## Comissão Fiscal

Com. Jayme Ferreira dos Santos  
Arnaldo Almeida  
Aníbal Cardoso

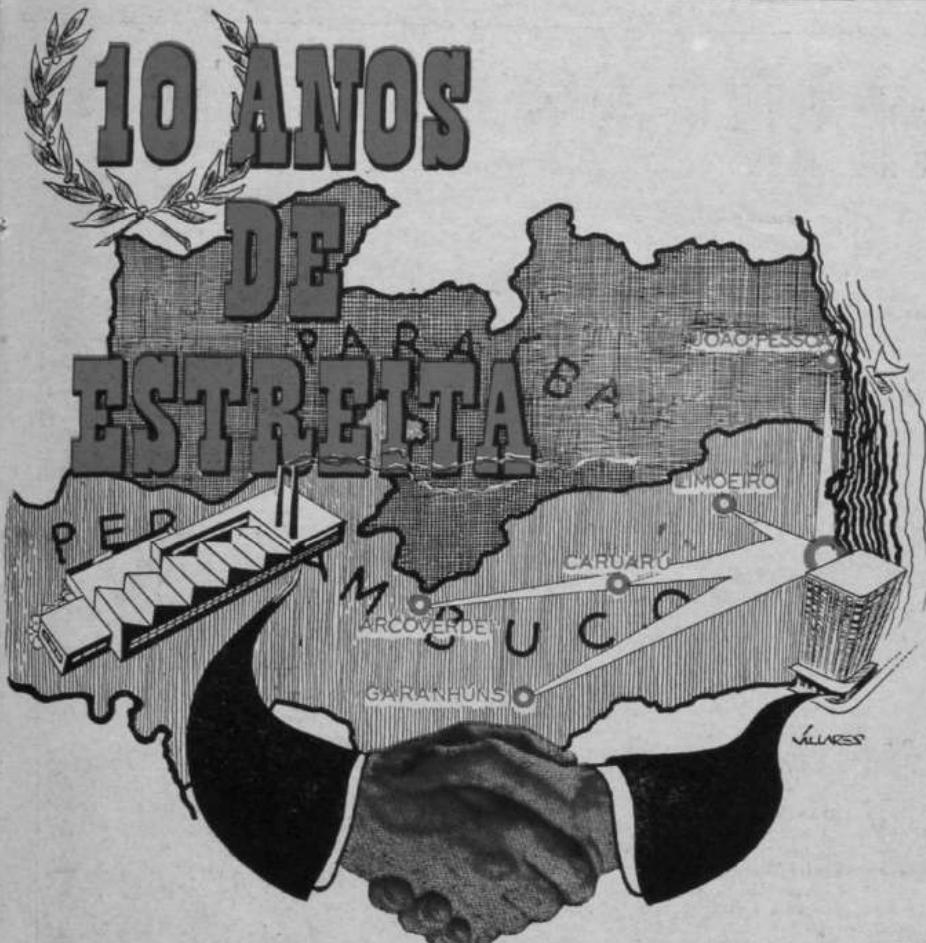
## Suplentes

Severino Maia Filho  
Ruy do Régio Pires  
José Soares de Avelar.



As eleições para a nova diretoria da Associação Comercial de Pernambuco foram bastante concorridas.

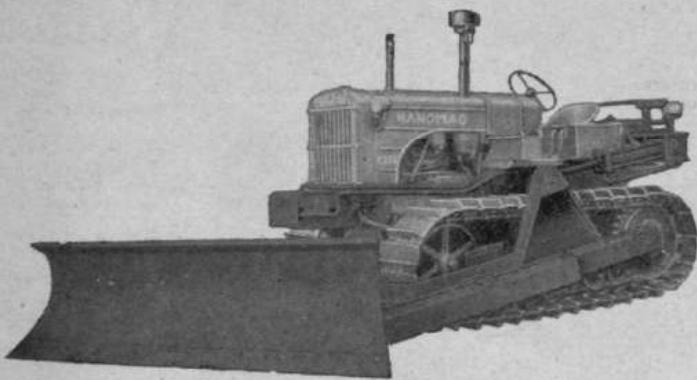
**EM JUNHO  
NAS LIVRARIAS  
“CONTOS”  
de KILMA VALENÇA  
Edições NORDESTE**



# COLABORAÇÃO!

BANCO NACIONAL DE PERNAMBUCO

**HANOMAG**



Qualquer pessoa sem conhecimentos técnicos aprende facilmente a trabalhar com os tratores

**HANOMAG**

Todavia a SOCIEDADE DE FERRAGENS E MÁQUINAS S. A. (SOFERMASA), mantém um departamento técnico especializado e um Carro-Oficina (único no Norte de Brasil) ac vosso dispor com todos prontidão.

OS TRATORES HANOMAG trabalham em 70 países ajudando o progresso da agricultura e da indústria em todo o mundo.

Mantemos completo estoque de peças e existem mais de 250 TRATORES HANOMAG em serviço em Pernambuco, Alagoas e Paraíba.

Os TRATORES DIESEL HANOMAG são fabricados nos modelos de rodas e esteiras, de 12 a 90 cavalos de força.

Existem TRATORES HANOMAG trabalhando HA 30 ANOS!

DE ADALBERTO MARROQUIM

## O Leão Psicólogo

(CONTINUAÇÃO DA 6.ª PÁGINA)

— Não, meu caro Senhor, queira-me ouvir.  
"Por tolerâço não há quem me condene.  
"Você há-de convir  
"Que eu não sou o Leão de La Fontaine.

"A moça não me quer? Muito deploro;  
"Pela recusa nada sofrerá,  
"Apenas, por salvar o real decôro,  
"Ela com outro não se casará."

O velho ajoelhou-se comovido  
A magnanimidade do Leão;  
Para êle, que se cria já perdido  
Fora um milagre aquela solução

Depois ambos a sós, o Tigre disse:  
— Peço perdão a Vossa Majestade,  
"Mas perdoar tal afronta é uma tolice  
"Sem precedentes na animalidade.

"Se nós os bichos só somos tiranos  
"Ferozes, brutos e iracionais!...  
"Tal fato aumentaria entre os homens  
"O número dos crimes passionais.  
"Haja vista os magnatas brasileiros  
"Quando chegam a chefes da nação:  
Não se lhes dá de gritos e berreiros,

E só fechar questão!  
"Porque êste fato, deixe que o avise,  
De pasto vai ouvir ao mundo inteiro  
"E temo que o ridículo o batize  
"De D. Pedro II!

"Negar a mão a Vossa Majestade  
É o cúmulo do abuso e da insoléncia!  
E o rei das selvas com serenidade  
Feita de experiência,

Retrucou: "Caro amigo, ouça e consinta  
"Que eu lhe aclare o fechado entendimento  
"Ela virá pedir-me em casamento  
"Quando passar dos trinta!"

DISTRIBUIDORES  
SOCIEDADE DE FERRAGENS E MÁQUINAS S. A.

**SOFERMASA**

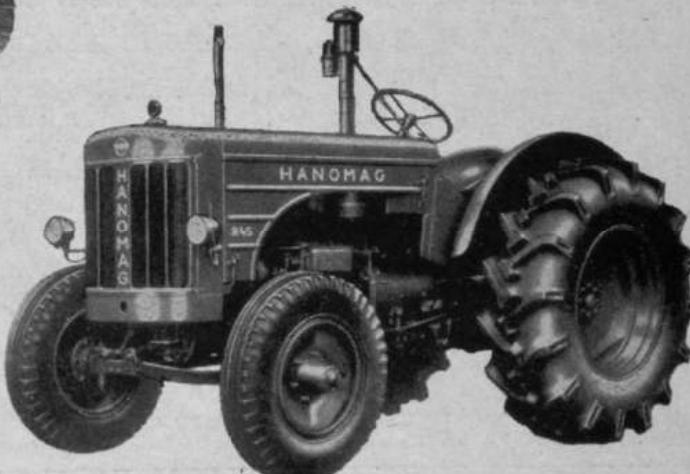
Avenida Marquês de Olinda, 214 — Fones 9374 — 9591 — 9396

Telegrama "SOFERMASA" Caixa Postal 23

RECIFE

PERNAMBUCO

BRASIL

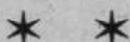
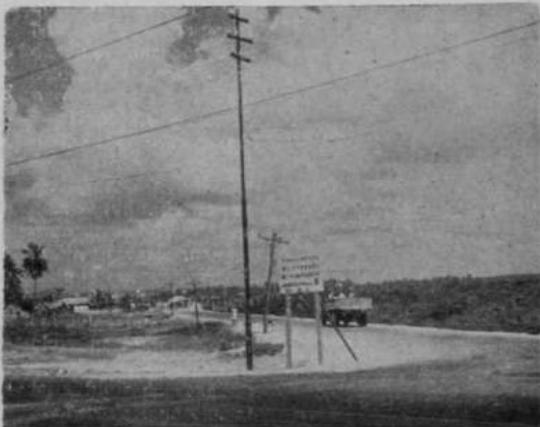


# ESTRADAS - ARTERIAS DO PROGRESSO

**ESTRADAS!** Estradas!  
São fitas compridas,  
que vão deslizando,  
subindo dos montes,  
descendo as campinas,  
por vales, por serras,  
levando o progresso.



**PARECEM** serpentes,  
que vão se enroscando,  
depois se estirando,  
por longos caminhos  
de verde e amarelo  
— as cores da Pátria —,  
ao sol se aquecendo  
nos dias mais quentes  
e, em noites de lua,  
fitando as estrélas,  
ou mesmo, nas quadras  
de frio e de chuvam,  
banhando os seus cascos  
da cõr do urucum;  
correndo... correndo...  
sem nunca parar...  
**P'ra frente! P'ra frente!**  
Levando a ventura,  
levando embaixadas  
de gentes estranhas,  
que ficam nas margens,  
cavando, explorando,  
lutando com as feras,  
e catequizando  
os índios dolentes,  
os donos das selvas  
frondosas e ricas



de flores exóticas  
e suaves perfumes,  
de doces mistérios,  
feitiços da terra  
que clama, que implora,  
em doudo estertor,  
o sôlo genético  
do braço violento  
do homem robusto!  
— Fecundo contacto  
com a virgem floresta ...



**ESTRADAS!** Estradas!  
São fitas de prata,  
ofertas benditas,  
levando p'ra dentro  
da Pátria sagrada  
mais luz, mais conforto,  
trabalho e esperança!



**O Vós, pioneiros**  
de tantas estradas,  
que acordam os sertões  
e animam o caboclo!  
Porfiai vosso passos  
em novas aladas!  
Abri novos veios!  
em mais escaladas!  
Mais sendas! Mais fitas!  
Ofertas benditas,  
que a Pátria enaltece,  
que a Pátria sagrada,  
solene, agradece!

YOLE MANON

Finda a Administração Etelvino Lins mister se faz salientar o vigoroso impulso que a mesma deu ao progresso do Estado cumprindo de maneira brilhante o Plano de Pavimentação de nossas rodovias, através da atuação dos dois dinâmicos Secretários da Viação: Armando Monteiro Filho e Hélio Loreto. Plano que está tendo, aliás, sua continuação firmemente assegurada no governo Cordeiro de Farias, conforme se depreende de reitados e incisivos pronunciamentos públicos do atual Secretário de Viação, dr. Lael Sampaio.

Damos em cima um aspecto da pavimentação da Estrada de S. Benedito, vendo-se, também, o novo revestimento da estrada Recife-Olinda, em concreto asfáltico. Em baixo, um trecho da estrada Tronco-Central

**COM PERSEVERANÇA E CORAGEM**

# *Está Sendo Solucionado No Recife O Problema Do Abastecimento De Peixe*

A Federação das Colônias de Pescadores de Pernambuco está decisivamente empenhada em dar solução ao debatido problema do pescado no Recife. Para isso, na atual gestão do dr. José Machado Correia de Oliveira, vêm sendo tomadas diversas providências, resultado de uma planificação objetiva, cujos primeiros efeitos positivos se fizeram sentir no recente período quaresmal, quando a população recifense e de diversas cidades do interior foram atendidas a contento, conseguindo-se, pela primeira vez, um eficiente abastecimento de peixe.

## POSTOS DE VENDA

Como a Federação das Colônias de Pescadores pode enfrentar e vencer

Plano bem delineado pela Federação das Colônias de Pescadores de Pernambuco para acabar com o "câmbio-negro" do pescado — Postos de Venda — Base de Pesca — Declarações do dr. José Corrêa, presidente da entidade

dos, Água Fria, Boa Vista, Colônia Z-1, no Pina, Frigorífico Terra, também no Pina, em Olinda, em Paulista, no Frigorífico da Caixa de Crédito da Pesca (Ponte Giratória), no depósito da própria Federação (defronte da Estação Rodoviária), e outros mais.

Esses postos de venda foram todos equipados de geladeiras próprias para a conservação de pescado, para tal especialmente fabricadas, com 170 graus abaixo de zero, e que se encontravam no almoço-tarifado do Ministério da Agricultura sem nenhuma utilidade, todas precisando de revisão e consertos. Vieram para cá por arrendamento, graças ao interesse demonstrado pe-



Lançamento da pedra fundamental da Base de Pesca do Recife



Flagrante da recente inauguração do Pósto de Vendas n.º 2, da Colônia Z-1, do Pina

a primeira batalha? Esta é uma pergunta feita insistentemente ao dr. José Correia, de vez que o "câmbio-negro" do pescado, desenvolvido por um forte "trust" de atravessadores, que adquiria todo o peixe aos pescadores, por preços irrisórios, para um enriquecimento vertiginoso, dominava toda a situação.

Primeiramente a compra de cinqüenta-e-duas toneladas de pescado no sul do país, trazidas ao Recife pelo barco "Caldelas", justamente para possibilitar à Federação um perfeito abastecimento. Depois, a instalação de postos de venda em várias partes da cidade, como sejam: mercados de Encruzilhada, São José, Afogad-

lo ministro Costa Pôrto.

A presença de muito peixe para consumo e, depois, os postos de venda, localizados em pontos estratégicos, constituiram-se nas armas decisivas na primeira vitória da "batalha do pescado", levando à derrota os açambarcadores do mercado de peixe no Recife. Se o abastecimento correspondeu durante a Semana Santa, quando sempre registramos o maior consumo de pescado pela população, logicamente corresponderá nos dias subsequentes.

## BASE DE PESCA E BARCOS

Na sua gestão, pretende o atual presidente da Federação das Colônias de Pescadores de Pernambuco para acabar com o "câmbio-negro" do pescado — Postos de Venda — Base de Pesca — Declarações do dr. José Corrêa, presidente da entidade



Pesqueiro «Saldanha da Gama», de propriedade da Federação das Colônias de Pesca

pesqueira do nordeste, quando esteve ao comando do barco "Estréla de Prata" e de o "Condor", que abasteceram a cidade no ano passado e no começo do corrente ano.

Brevemente disporá a Federação das Colônias de Pescadores de dois pequenos barcos pesqueiros para pescarias nas praias e litoral, devendo, também, o Ministério da Agricultura entregar a Pernambuco barcos e jangadas de tipo especial para a prática de uma pesca mais racional e por processos mais modernos.

Pelos resultados satisfatórios já colhidos, parece estar dando certo o plano do dr. José Correia. A cidade está, de fato, tendo um eficiente abastecimento de pescado. Se isto se concretizar, como realmente espera o presidente da Federação das Colônias de Pescadores, assistiremos à falência do intermediário, único responsável pelos preços elevados do produto e pelos desrespeitos aos tabelamentos da COAP.

## UM COMANDANTE

Para dirigir essa frota foi contratado um dos bons técnicos em pesca no Brasil, o comandante William Kitts, que dirigirá e orientará a pesca nos barcos pesqueiros. Esse lobo-dōmar já deu demonstrações convincentes de sua capacidade profissional e de conhecimento da região

## DERROTA DO INTERMEDIÁRIO

Havendo sempre, na cidade, pescado em abundância, o intermediário e o "pombeiro" não poderão mais impor os seus preços. Por outro lado, quando a posição da Federação das Colônias de Pescadores estiver consolidada, livrando-se dos tentáculos dos atravessadores os pescadores por eles explorados, podendo entregar à Federação, por justo preço, o produto de seu trabalho, recebendo, ainda, ajuda financeira nos momentos de pescarias ruins e financiamento para aquisição de jangadas.

Com essas providências, acredita o dr. José Correia que levará pânico aos araias da exploração do pescado, enquanto que a população estará permanentemente abastecida, adquirindo peixe com facilidade, mediante a observância rigorosa dos estabelecimentos.

# UMA INICIATIVA SEM PRECEDENTES NA CAPITAL PERNAMBUCANA

**GRATUITAMENTE**

*Uma casa p'ra você!*

NO VALOR DE  
300 MIL CRUZEIROS



GRANDE CONCURSO POPULAR da  
*Casa Própria*  
LANÇADO PELO  
JORNAL DO COMMERCIO  
SOB O PATROCÍNIO DE  
AS NAÇÕES UNIDAS

LOJAS DE TECIDOS EM RECIFE, JOÃO PESSOA, CAMPINA GRANDE, MACEIO E NATAL

Diariamente, o JORNAL DO COMMERCIO do Recife publica, com o Regulamento do Concurso, o cupão que deve ser colocado nos mapas próprios, fornecidos por qualquer das lojas "As Nações Unidas", aos seus incontáveis fregueses. Recorte êsse cupão, cole-o nos mapas referidos e habilite-se à posse de UMA CASA PRÓPRIA, já em construção no JARDIM SÃO PAULO, na capital pernambucana.

**MAQUINAS  
SINGER**

A SINGER SEWING MACHINE COMPANY tem o prazer de comunicar à família brasileira, a quem vem servindo desde 1858, que já começaram a chegar da nova fábrica, — em Campinas, — Estado de São Paulo, as máquinas SINGER tipo doméstico.



Comunica, outrossim, que as referidas máquinas já estão sendo entregues às pessoas inscritas, e que estão sendo aceitas novas inscrições.



Consulte a Loja SINGER, sobre o preço módico das novas máquinas.



O nome SINGER garante o produto!

**Grandes Moinhos do Brasil S. A.**

**MOINHO RECIFE**

**Farinha de Trigo**

**OLINDA**

Farelo de Trigo

Rações Balanceadas

Avevita

Bovinovita

Equinovita

Suinovita

**RECIFE**

**PERNAMBUCO**

**UMA GENTILEZA DA**

**LOTERIA DO ESTADO  
DE PERNAMBUCO**

a minha, a sua, a nossa LOTERIA

**RUA DA PRAIA, 169 — Fones: 7697-7698**

**End. Tel.: "LOTERIA"**

**TEM UMA FINALIDADE — ASSISTÊNCIA SOCIAL, FÍSICA E INTE-  
LECTUAL DO POVO PERNAMBUCANO**

# CONTRA REGRA — Conto de TELHA DE FREITAS

**A**PRESSOU o passo, luctuoso ao extremo, antecipadamente realizado. A noite, quando chegava ao lar, reconhecia o lugar de repouso e vinha-lhe uma sensação de vazio, com o relógio correndo de manso, quase traiçoeiramente, sugando-lhe o tempo, podendo a sua juventude. Havia de ganhar uma oportunidade, um dia. Mas até então ninguém fôra ao seu encontro. Contra-regra, apenas, com os problemas quotidianos do pão, do vinho, da côr, do ritmo e do espaço.

Teve vontade de voltar-se e afagar o cachorro. O ponta-pé fôra muito brusco e a propósito de nada, mas prosseguiu, mais depressa ainda, sem vontade, porém, de chegar a lugar algum. Bom seria que a rua não findasse nunca mais e se perdesse na sua própria extensão, penetrando lugares proibidos e proporcionando-lhe momentos que evitara viver.

—O—

A luz forte do auto-

móvel embaraçou-lhe os movimentos. Vinha de longe e de perto, do centro, da esquerda, da direita, em vertical e prolongava-se. Levou instintivamente as mãos à cabeça.

Os índios dançavam, rastejando o ventre na terra úmida. Outros apenas pulavam, mas havia alguns sem perna, de olhos imensos e de colorido excessivo que permaneciam ao lado de Napoleão, reparando-lhe o exótico chapéu de três bicos.

Alta, a cabeça minúscula equilibrada no pescoço desenvolvido, uma mulher transformava o sangue que escorria da carótida de Napoleão em jóias foscantes, vinhos, perfumes. No pátio, a montanha procurava fugir da cena e a mulher de amarelo, alta, excessivamente, dizia coisas sem nexo.

As flechas cravavam-se no corpo de Napoleão. Não havia dôr: era somente o sangue a jorrar pela carótida. O rosto de um anjo sumiu-se, repetidas vezes, no tronco da mangueira.



Ilustração de IONALDO

Diariamente,  
milhões de vezes, no Mundo inteiro.



Goiabada  
**PEDDE**  
— a excelente sobremesa

Os cameleiros passaram velozes ao largo. As dunas tornavam-se vermelhas e amarelas, mas o sol estupidamente frio congelava-lhe na boca o desejo de dizer alguma coisa. Vieram animais e depois as serpentes enroscavam-se no dorso do planalto. Napoleão saltou sobre a vaga. As águas serenavam.

—O—

O médico deu ordem e retirou-se. Margarida, a mulher, João, Serafim, Godofredo, os irmãos, entreolhavam-se. Toinho, com os seus oito anos, gozava o espetáculo da chuva vista pelo grande vidro da janela.

No corredor, era a sombra da freira que se deslocava mansamente. De outro quarto, quase em surdina, vinha a música estridente de um swing. Em seguida, com a pressa de quem precisa de salvar uma vida, outro médico tentaria outros esforços. O armário branco, uma cadeira de balanço, uma lâmpada pequena iluminando o santuário e as pernas de Mariano.

Margarida perguntou fortemente atadas,

lhe se estava bem. Mariano, olhos fixos no rosto de Toinho, pediu água. A enfermeira veio dizer que não pr

longassem a visita o doente disse a sua única frase: "Mataram o cameleiro!"

## FRATELLI VIT

Uma Indústria  
Genuinamente  
Brasileira!

Guaraná

FRATELLI VIT

É Guaraná